



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS V – JOÃO PESSOA
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E SOCIAIS APLICADAS
CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

POLÍTICA EXTERNA VENEZUELANA PARA INTEGRAÇÃO REGIONAL
Análise sobre os discursos de Hugo Chávez

EWELYNE ROSSANE DE MACEDO BEZERRA

JOÃO PESSOA/PB

2011

EWELYNE ROSSANE DE MACEDO BEZERRA

POLÍTICA EXTERNA VENEZUELANA PARA INTEGRAÇÃO REGIONAL

Análise sobre os discursos de Hugo Chávez

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada ao Curso de Relações Internacionais da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de bacharel.

Orientador: Prof. Dr. Elias David Morales Martinez /UEPB

JOÃO PESSOA/PB

2011

FICHA CATALOGRAFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL CAMPUS V – UEPB

B574p Bezerra, Ewelyne Rossane de Macedo.
Política Externa Venezuelana Para Integração Regional
Análise sobre os Discursos de Hugo Chávez / Ewelyne Rossane de
Macedo Bezerra. – 2011.
54f. : il. color

Digitado.

Trabalho Acadêmico Orientado (Graduação em Relações
Internacionais) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Ciências Biológicas e Sociais Aplicadas, Departamento de
Relações Internacionais, 2011.

“Orientação: Prof. Dr. Elias David Morales Martinez”.

1. Venezuela – Política Externa. 2. Integração Regional. 3.
Hugo Chávez - Discurso. I. Título.

21. ed. CDD 327.87

EWELYNE ROSSANE DE MACEDO BEZERRA

POLÍTICA EXTERNA VENEZUELANA PARA INTEGRAÇÃO REGIONAL

Análise sobre os discursos de Hugo Chávez

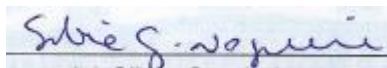
Trabalho de Conclusão de Curso apresentada ao Curso de Relações Internacionais da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de bacharel.

Aprovada em: 07 / 07 / 2011



Prof. Dr. Elias David Morales Martinez /UEPB

Orientador



Prof. Dra. Cristina Pacheco /UEPB

Examinador



Prof. Dra. Silvia Nogueira/UEPB

Examinador

DEDICATÓRIA

A todos aqueles que compartilharam do meu sonho e acreditaram em mim.

DEDICO.

AGRADECIMENTO

À minha irmã Avany, por sempre acreditar na minha capacidade de superar obstáculos.

Ao meu orientador, David pela paciência, incentivo e orientação para conclusão deste trabalho.

Aos meus amigos, em especial aos meus amigos de turma.

À Jessica Machado, Jan Marcel, Bruna Ribeiro, Greyci Almeida, Raíssa Onofre, pela força fundamental ao longo do curso, pela compreensão e companheirismo.

Ao meu filho Pedro Augusto e ao meu noivo Thalisson Lacerda pelo amor e paciência.

À Universidade Estadual da Paraíba por conceder tal curso em suas dependências, oportunizando o conhecimento.

Enfim, meus sinceros agradecimentos.

RESUMO

Esta pesquisa analisa um conjunto de fatos importantes, intrínsecos entre si e interligados à nossa realidade. A integração da América do Sul é vista como meio para que a região possua o mínimo de autonomia e destaque no cenário internacional, como contraponto à globalização econômica atual. Dentro deste contexto geral, observamos o papel desempenhado pela Venezuela e seu presidente Hugo Chávez. O objetivo deste trabalho é verificar qual o posicionamento da política externa do país em relação à integração da América do Sul. A pesquisa pretende analisar através dos discursos proferidos de Hugo Chávez, a atuação do país em organismos internacionais e regionais em uma perspectiva integracionista. Igualmente se houve modificações no conteúdo do discurso, na formação e no corpo discursivo após mais de uma década do governo Chávez.

Palavras-chave: Venezuela. Integração Regional. Hugo Chávez.

RESUMEN

Esta investigación analiza un conjunto de hechos, intrínsecos entre sí y conectados a nuestra realidad. La integración de América del Sur es vista como medio para obtener un grado mínimo de autonomía y protagonismo en la economía global, en contraposición a la globalización económica. Dentro de este contexto general, se observa el papel de Venezuela y su presidente Hugo Chávez. El objetivo de este trabajo es verificar como hasido el posicionamiento de la política exterior del país con respecto a la integración de América del Sur. Esta investigación pretende analizar a través de los discursos de Hugo Chávez, el papel del país en las organizaciones internacionales y regionales desde una perspectiva integracionista. Igualmente se pretende analizar si hubo cambios en el contenido del discurso, en la formación y en el cuerpo discursivo después de más de una década de gobierno de Chávez.

Palabras clave: Venezuela. Integración regional. Hugo Chávez.

LISTA DE SIGLAS

MERCOSUL – Mercado Comum do Sul

ALCA – Área de Livre Comércio das Américas

ALBA – Aliança Bolivariana para os Povos da nossa América

UNASUL – União das Nações Sul-Americanas

CEPAL – Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe

ONU – Organização das Nações Unidas

CAN – Comunidade Andina

CARICOM – Comunidade e Mercado Comum do Caribe

PIR – Processos de Integração Regional

ALALC – Associação de Livre Comércio da América Latina

ALADI – Associação Latino-Americana de Desenvolvimento e Integração

IIRSA – Iniciativa de Integração da Infra-estrutura Regional Sul Americana

CASA – Comunidade Sul Americana de Nações

PICE – Programa de Integração e Cooperação Econômica

EU – União Européia

SACU – Associação dos Países Africanos

APEC – Associação dos Países Ásia-Pacífico

FOCEM – Fundo para a Convergência Estrutural do MERCOSUL

CMC – Conselho do Mercado Comum

GMC – Grupo Mercado Comum

FCCP – Foro de Consulta e Concertação Política

PM – Parlamento do MERCOSUL

FCES – Foro Consultivo Econômico-Social

TPR – Tribunal Permanente de Revisão do MERCOSUL

TAL – Tribunal Administrativo-Trabalhista do MERCOSUL

CMPED – Centro MERCOSUL de Promoção do Estado de Direito

CCM – Comissão de Comércio

CT – Comitês Técnicos

SM – Secretaria do MERCOSUL

OPEP – Organização dos Países Exportadores de Petróleo

PIB – Produto Interno Bruto

TCP – Tratados de Comércio dos Povos

OEA – Organização dos Estados Americanos

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Processo de Integração da América do Sul.....18

Tabela 2: Relações Exteriores do MERCOSUL.....23

Tabela 3: Dados Básicos sobre a Venezuela.....26

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. O PAPEL DA INTEGRAÇÃO REGIONAL PARA AMÉRICA DO SUL	13
2.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS	13
2.2 A TEORIA E A PRÁTICA DA INTEGRAÇÃO REGIONAL.....	15
2.3 MERCOSUL: UM PROCESSO DE INTEGRAÇÃO.....	18
3 A POLÍTICA EXTERNA DA VENEZUELA NO GOVERNO DE HUGO CHÁVEZ E OS BLOCOS DE INTEGRAÇÃO: ALBA, MERCOSUL E UNASUL	23
3.1. VENEZUELA: DA COLÔNIA À REPÚBLICA BOLIVARIANA.....	24
3.2 POLÍTICA EXTERNA DO GOVERNO DE HUGO CHÁVEZ E SEUS ASPECTOS DE CONTINUIDADE E MUDANÇAS	26
3.3. ALBA, MERCOSUL E UNASUL.....	29
4. O DISCURSO POLÍTICO E OS DISCURSOS DE HUGO CHÁVEZ	36
4.1. TEORIAS DO DISCURSO POLÍTICO	36
4.2. INTERPRETAÇÕES SOBRE OS DISCURSOS DE HUGO CHÁVEZ.....	40
4.3. ANÁLISE DOS DISCURSOS DE HUGO CHÁVEZ.....	42
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	51

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa analisa um conjunto de fatos importantes, intrínsecos entre si e interligados a nossa realidade. Os processos de integração regional, iniciados a partir da segunda metade do século passado, modificaram o comportamento dos Estados, assim como o objeto de estudo da disciplina de Relações Internacionais. A integração regional tornou-se como um importante instrumento internacional. Os povos que compartilham herança histórica e vizinhança geográfica, e enfrentam os mesmos problemas nas áreas políticas, econômicas, culturais, ambientais, e de segurança, com a integração enfrentam melhor os desafios do mundo globalizado.

O Mercado Comum do Sul (MERCOSUL) surge com concepções econômicas, a fim de formar uma zona de livre comércio entre seus Estados, Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai e visa o estabelecimento de um mercado comum e uma união política, ao longo do amadurecimento da integração. O alargamento tornou-se inevitável, com a entrada de outros Estados como membros associados: Bolívia, Chile, Peru, Equador e Colômbia. Além da Venezuela, que está em processo para entrada como membro pleno do bloco.

Em conformidade com a proposta do “socialismo do século XXI”, o governo venezuelano entende o processo de integração não só pela via econômica, mas também política. Em oposição à Área de Livre Comércio das Américas (ALCA), o projeto da Aliança Bolivariana para os Povos da nossa América (ALBA) foi inicialmente proposto em dezembro de 2001, pelo presidente da Venezuela Hugo Chávez.

Um aspecto de destaque é a utilização dos métodos da Análise do Discurso. Essa escolha deveu-se a contingência de textos em circulação, nas mídias e nas universidades, sobre a peculiaridade discursiva do Presidente Hugo Chávez, isto é, um discurso inusitado com idéias diferentes da normalidade dos demais discursos, especificamente, os diplomáticos. Através dos seus discursos, o presidente venezuelano propõe uma revolução *a la* Bolívar e a formação de uma união política regional, tal como idealizada pela ALBA. Diante dos fatos apresentados, e da complexidade de integração que se passa na América Latina, surge a idéia de descobrir qual é o objetivo de Hugo Chávez com a integração Sul-Americana? E descobrir se houve continuidade ou mudança na forma discursiva sobre esses processos de integração

após mais de uma década no poder. Para responder a essas perguntas, iremos analisar os discursos proferidos pelo presidente venezuelano na Organização das Nações Unidas (ONU); na Organização dos Estados Americanos (OEA); na União das Nações da América do Sul (UNASUL); e na Comunidade Andina (CAN), sobre os processos de integração que estão em desenvolvimento na região.

A pesquisa está dividida em três capítulos que se seguem. No primeiro, abordamos a importância da integração para região sul-americana e seus desdobramentos para uma inserção internacional dos países membros. Verificamos a Teoria Clássica da Integração de Seitenfus (2005), analisando sua aplicação na América do Sul. Para finalizar o primeiro capítulo, foi feita uma análise sobre o processo de formação do MERCOSUL, sendo este o exemplo mais bem sucedido da região.

No segundo capítulo analisa-se os momentos históricos, políticos e comerciais importantes da República Bolivariana da Venezuela. Verifica-se os dados básicos, e um estudo mais específico da Política Externa do Governo de Hugo Chávez, e seus aspectos de continuidade e rupturas. Ainda neste capítulo analisa-se a construção e o envolvimento dos blocos ALBA, MERCOSUL e UNASUL na Política Externa da Venezuela, que visam aprofundar a integração da região.

No último capítulo, abordaremos a Teoria do Discurso e o discurso político, sendo este sempre um discurso de poder. Verificamos os elementos do discurso político, considerando os mais importantes para nossa pesquisa, a formação discursiva; corpo discursivo; intertextualidade – campo de memória e campo de presença. Apresentamos ainda a metodologia usada para analisar o discurso. Verificamos as interpretações dos acadêmicos sobre os discursos de Chávez. E por último realizamos a análise dos discursos de Chávez, considerando sua política externa, com duas dimensões: a dimensão solidária da diplomacia que obedece a aspectos ideológicos que une nacionalismo, socialismo e bolivarianismo, ou Diplomacia dos Povos; e a dimensão geoestratégica que obedece a lógica de país produtor de petróleo, ou a Diplomacia do Petróleo.

Conforme veremos, a entrada da Venezuela no MERCOSUL, a criação da ALBA e a consolidação da UNASUL, trazem algumas mudanças nas perspectivas de integração na América do Sul. As políticas integracionistas são fundamentais para a perspectiva de Hugo Chávez, em dar continuidade a sua revolução “bolivariana”. Mas a busca por integração também permite à Venezuela aumentar sua inserção na região da América do Sul, almejar uma projeção na política externa, além de diversificar os parceiros comerciais.

2. O PAPEL DA INTEGRAÇÃO REGIONAL PARA AMÉRICA DO SUL

2.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A América do Sul vive uma mudança no relacionamento sul-americano, um momento histórico e importante para a região, de aproximação entre os países do cone sul. Esta resulta na oportunidade de aceleração do desenvolvimento econômico e social dos países e a projeção internacional da região num mundo globalizado. Assim se faz necessário a compreensão do papel da integração para América do Sul, como forma de sair do estágio de estagnação que viveu a região nas últimas décadas.

Segundo HERZ e HOFFMAN (2004), a região é uma localidade territorial definida por critérios econômicos, sócio-culturais, político-institucionais e climáticos, podendo ser geograficamente contínua ou não, porém tem sempre uma correspondência territorial. Para as autoras, a integração pode ser definida como um processo ao longo do qual, atores se unificam e tornam parte de um todo. Os atores envolvidos em um processo de integração podem ser classificados segundo dois critérios: governamentais e não governamentais. Ou seja, serem representantes de governos ou da sociedade civil. Sendo assim, a Integração Regional pode ser vista como um processo dinâmico e intenso, no qual as relações entre os atores levam à criação de novas formas de governança em âmbito regional.

Cervo (2008), ao discutir a Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL), da Organização das Nações Unidas (ONU) insere o aspecto econômico em seu conceito de integração. Como o estabelecimento de acordos de comércio preferencial e a formação de zonas de livre comércio, uniões aduaneiras ou mercados comuns. Este processo é fomentado pelo desenvolvimento conjunto de políticas macroeconômicas nos Estados da região. Ainda segundo Cervo (2008), referindo-se a CEPAL, a idéia do mercado comum faz parte de um processo de reestruturação das economias, de primário-exportadoras à abastecedoras do mercado interno; no qual essa substituição de importações busca complementar o comércio com o resto do mundo.

O pensamento da CEPAL incentiva as políticas de industrialização, expansão do emprego e da renda do trabalhador, do consumo interno e da substituição de importações, com o objetivo de superar dependências estruturais entre países do centro desenvolvido e da periferia em desenvolvimento, obteve certas carências, como afirma CERVO (2008):

Certas carências desse pensamento agiram, todavia, de modo a obstruir possibilidades intrínsecas ao processo de desenvolvimento, tanto no que diz respeito às Relações Internacionais, em geral, quanto entre os países da América do Sul. (CERVO, 2008, p. 198.)

A integração da América do Sul é vista como meio para que a região possua o mínimo de autonomia e destaque no cenário internacional, como contraponto à globalização econômica. Para Cervo (2008), as relações de um país com a vizinhança condicionam as possibilidades do desenvolvimento, acelerando-o quando incorporam em seus cálculos estratégicos vantagens comparativas intangíveis que dão impulso criador às capacidades de poder.

A história da integração regional na América Latina é longa. A região avançou em temas de integração, com resultados ainda fracos, contudo não se encontra na estaca zero. Partindo das premissas de integração regional que começam no século XIX, podemos observar as primeiras tentativas de alcançá-la. Desde Simon Bolívar é notada essa importância, no qual este assegurou condições necessárias para que a América Latina pudesse pensar e atuar como região autônoma.

Conforme Moreira *et. al.* (2010), em 1825 a América do sul conseguiu a independência expulsando os espanhóis do continente. Bolívar tinha um grande sonho, era a unidade além da fronteiras, somando toda a América Latina numa grande Confederação. Bolívar, consciente dos obstáculos que se apresentavam para a concretização desse ideal indicou como alternativa uma Confederação de nações livres. Bolívar convocou todas as nações do continente a um Congresso no Panamá, em 1826. O objetivo bolivariano era que as soberanias nacionais deviam ser respeitadas e a Confederação seria formada para garantir à segurança do continente. O Congresso firmou o Tratado de União da Liga e a Convenção de Contingentes (Colômbia, América Central, Peru e México), visando a integração defensiva, os países garantiam ajuda e proteção mútua, em tempos de paz e de guerras.

Para Filho (2009), o referido Congresso fracassou em virtude dos interesses regionais contrapostos das nações emergentes e da hostilidade por parte da Inglaterra e dos Estados Unidos. De acordo com o autor supracitado, as tentativas de integração regional cessaram com o protagonismo dos Estados Unidos e suas alianças continentais hemisféricas, outro fator que podemos relevar foi a dependência latino-americana principalmente no pós-guerra, que também dificultou a integração autônoma. Porém o ideal integracionista persistiu até os dias atuais.

Podemos concluir que a América Latina vive um momento de transformação importante para região. As políticas neoliberais que tomaram conta da América do Sul nos anos noventa colocam-se mais distantes dos países sul-americanos nesta década. Com uma preocupação de integrar a América do Sul, e a América Latina, para medir forças com as demais potências mundiais, como um grupo forte. Com objetivos claros para uma luta mais justa e mais humana para todos os povos, num mundo globalizado. O papel da integração para América do Sul é definir uma estratégia que lhes permita enfrentar todos esses desafios.

2.2 A TEORIA E A PRÁTICA DA INTEGRAÇÃO REGIONAL

Analisaremos como os países da região do cone sul buscaram até agora essa estratégia. Conforme a teoria de Seitenfus (2005), explicada logo abaixo, existem as vantagens que contam para o crescimento de um bloco de integração e seus países membros, como maior barganha nas negociações multilaterais. As principais vantagens de um bloco são explicadas pela Teoria Clássica de Integração. Para Seitenfus (2005), o objetivo da teoria é explicar: uma melhor alocação dos fatores de produção e dos recursos disponíveis; uma diminuição dos custos de produção e uma melhoria na qualidade dos bens produzidos; ganhos em economia de escala; uma melhor capacidade de inserção internacional. A conjunção de vontades dos países que fazem parte de um processo de integração, por meio de variadas formas, significa que eles conseguirão, nesse processo, relacionar-se de forma diferenciada e vantajosa com outros países em comparação com a inserção solitária.

Desde meados do século XX surgem blocos que auxiliam na integração entre os países latino-americanos. A partir da década de 1960 intensificam os processos e vínculos institucionais de integração e cooperação regionais na América do Sul. A criação, em 1991, do Mercado Comum do Sul (MERCOSUL), consegue unir Argentina, Brasil, Uruguai e Paraguai com objetivos iluminados pela teoria Clássica da Integração, ou seja, buscam uma melhor capacidade de inserção internacional.

Abaixo segue uma tabela que mostra os Processos de Integração Regional (PIR) ocorridos nessa região e uma figura que ilustra a evolução desde processo. De Simon Bolívar até a UNASUL. Podemos identificar que nunca houve de fato, uma integração com todos os

países das Américas. Por isso o projeto da UNASUL, nasce como um desafio para região sul-americana.

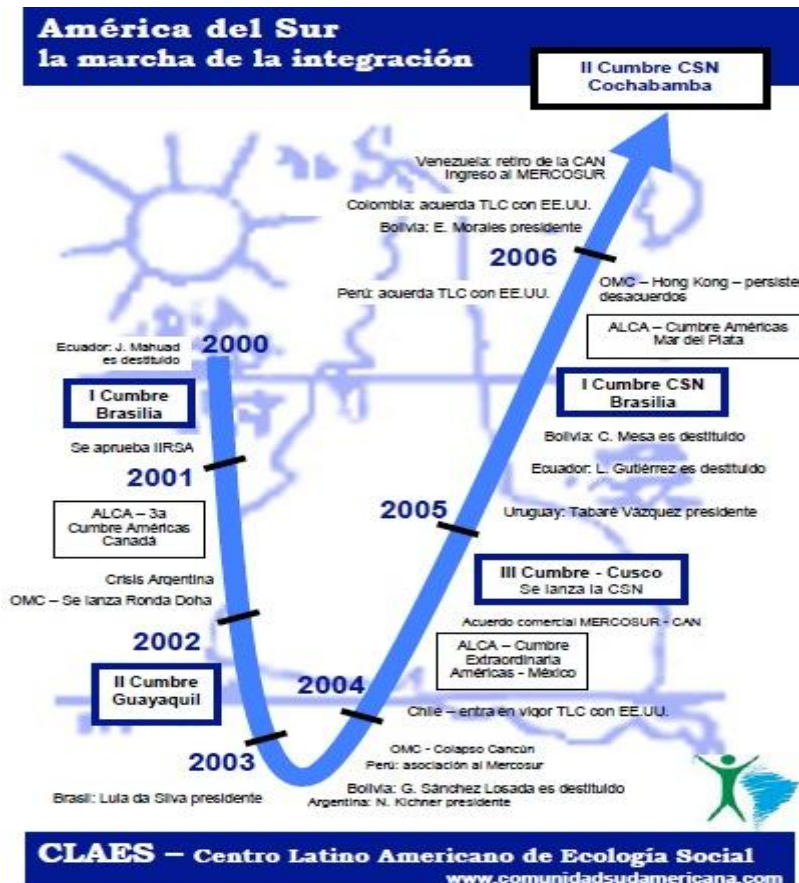
Tabela 1: Processo de Integração da América do Sul

BLOCO	PAÍSES FORMADORES	ANO
Associação de Livre Comércio da América Latina (ALALC)	Argentina, Brasil, Chile, Peru, Paraguai e México. Mais Colômbia, Equador, Venezuela e Bolívia	1960
Associação Latino-Americana de Desenvolvimento e Integração (ALADI)	Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Cuba, Equador, México, Paraguai, Peru, Uruguai e Venezuela.	1980
Mercado Comum do Sul (MERCOSUL)	Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai.	1991
Comunidade Andina de Nações (CAN) Pacto Andino¹	Bolívia, Colômbia, Equador, Peru e Venezuela	1997
Iniciativa de Integração da Infra-estrutura Regional Sul Americana (IIRSA)	Brasil, Argentina, Bolívia, Chile, Colômbia, Equador, Guiana, Paraguai, Peru, Suriname, Uruguai, Venezuela	2000
Comunidade Sul Americana de Nações (CASA)	Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Equador, Guiana, Paraguai, Peru, Suriname, Uruguai e Venezuela	2004
União das Nações Sul-Americanas (UNASUL)	Argentina, Bolívia, Chile, Equador, Guiana, Peru, Venezuela	2008

Fonte: Elaboração Própria com base em : Confederación Sindical de los Trabajadores y Trabajadoras de las Américas, 2010.

Para Coutinho (2006), em 2006, a Venezuela se tornou o mais novo membro associado do MERCOSUL, representando mais um novo passo na proposta de integração sul-americana liderada pelo país vizinho. Sua adesão confere uma dimensão maior ao bloco do MERCOSUL. O quinto país membro reúne identidade popular e vontade política progressivamente voltada para o sul e a integração regional. A figura a seguir ilustra essa grande marcha, desde 2000:

¹ Formado por: Bolívia, Chile, Colômbia, Equador, Peru e Venezuela em 1969, que se transforma na atual CAN .



FONTE: www.comunidadesudamericana.com

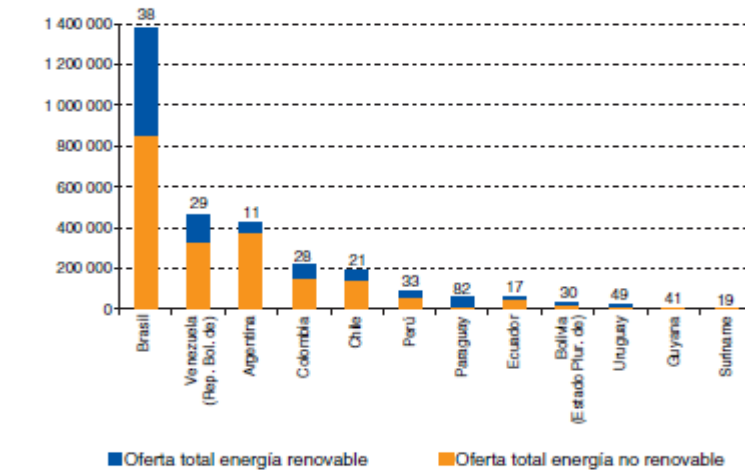
Acesso em 22/05/2011

Conforme Lopes e Hitner (2009), sendo a terceira maior economia da América do Sul, a Venezuela fortalece o grupo do MERCOSUL, além de possuir uma capacidade considerável de investimento produtivo e uma inegável potência energética. O país tem as maiores reservas de petróleo e gás do continente, além de uma maior proximidade geográfica e relações estratégicas com países da América Central, Caribe, México e mesmo os EUA. Conforme Lopes (2007), a concretização de todo esse potencial integracionista depende da atuação do sistema político da Venezuela e de seu Presidente. Os países do cone sul zelam pelo seu caráter democrático e têm buscado fórmulas de desenvolvimento comum a partir de uma melhor inserção conjunta na economia mundial.

O gráfico a seguir demonstra a enorme capacidade energética que possui o MERCOSUL, realizado pela NAÇÕES UNIDAS em 2009. O anel energético entre os eixos Brasil-Argentina-Venezuela, garante grande capacidade para o desenvolvimento do bloco.

**UNIÓN DE NACIONES SURAMERICANAS (UNASUR) (12 PAÍSES):
RENOVABILIDAD DE LA OFERTA ENERGÉTICA, 2002**

(En porcentajes de renovabilidad)^a



Fuente: Comisión Económica para América Latina y el Caribe (CEPAL), *Fuentes renovables de energía en América Latina y el Caribe: situación y propuestas de políticas* (LC/L.2132), Santiago de Chile, 19 de mayo de 2004.

* Estimados en base a miles de barriles de equivalente en petróleo.

FONTE: Nações Unidas, 2009

De acordo com o gráfico acima, observamos a capacidade energética dos principais países do MERCOSUL, a grande disponibilidade de energia dos países Brasil, Venezuela e Argentina, é fundamental para o desenvolvimento dos países da região. Enfatizando a grande importância desses países para o bloco.

Na prática, verificamos que a incorporação da Venezuela no MERCOSUL traz vantagens comparativas relevantes para o bloco. Os países membros buscam ganhos em economia de escala, com o objetivo de superar dependências estruturais entre países do centro desenvolvido e da periferia em desenvolvimento, estando em concordância com a teoria de Seitenfus (2005). Para encerrar esta primeira parte do trabalho, examinaremos o MERCOSUL, sendo este a integração mais bem sucedida da região.

2.3 MERCOSUL: UM PROCESSO DE INTEGRAÇÃO

O MERCOSUL, bloco formado por Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai, foi criado com o objetivo de ampliar as vantagens econômicas e a interação política e social entre as nações. Os países que constituem o MERCOSUL partilham valores que se exprimem em suas

sociedades democráticas, pluralistas, defensoras das liberdades fundamentais, dos direitos humanos, da proteção do meio ambiente e do desenvolvimento sustentável, e partilham, ainda, seu compromisso com a consolidação da democracia, com a segurança jurídica, com o combate à pobreza e com o desenvolvimento econômico e social com equidade². Com essa base fundamental de pontos comuns, os parceiros buscaram a ampliação das dimensões dos respectivos mercados nacionais por meio da integração, que é uma condição fundamental para acelerar seus processos de desenvolvimento econômico.

Conforme Castro (2006) os fatores que contribuíram para formação do MERCOSUL: primeiro a aproximação do Brasil com seus vizinhos. Na década de 1970 o Brasil inicia uma política de aproximação com os países da América do Sul e lança as bases de cooperação bilateral: a construção da hidrelétrica de Itaipu com o Paraguai; a exploração do gás boliviano; a colaboração industrial com a Venezuela e a assinatura em 1976, do Pacto Amazônico com Bolívia, Equador, Guiana, Suriname, Peru e Colômbia.

Segundo, o surgimento de um eixo e de uma bilateralização entre as duas maiores economias da América do Sul. Na década de 1980, dois fatores são convergentes para a formação do eixo Brasil-Argentina, que nos anos 1990 começariam as conversações sobre a formação do MERCOSUL: um, o enfrentamento da crise da economia latino-americana durante esse período; o outro, a redemocratização no mesmo período em ambos os países. A Ata de Integração Brasil-Argentina estabeleceu os princípios fundamentais do Programa de Integração e Cooperação Econômica (PICE), em 20 de julho de 1986. Ademais, o Tratado de Integração, Cooperação e Desenvolvimento previa a eliminação de barreiras tarifárias e não-tarifárias, em 1988. Também, a Ata de Buenos Aires, fixando a conformação definitiva de um mercado comum, nos quais Paraguai e Uruguai foram convidados a participar, em 06 de julho de 1990 (CASTRO, 2006).

E finalmente o Tratado de Assunção, para a Constituição do Mercado Comum do Sul, em março de 1991. A Política de Integração Regional do MERCOSUL sofreu o alargamento, ou seja, a integração incorpora Paraguai e Uruguai. O aprofundamento, isto é, a cooperação demonstrou seus limites e os países membros decidiram criar um Mercado Comum. Em dezembro de 1991 foi firmado o Protocolo de Brasília que elegeu a arbitragem como instrumento jurídico exclusivo para solução de controvérsias. O atual perfil de funcionamento foi estabelecido pelo Protocolo de Ouro Preto em 1994, quando entrou em funcionamento a área de livre comércio e o processo para consolidar uma união aduaneira. O Protocolo passou

² Informações disponíveis em: <http://www.mercosul.gov.br/> acesso em 30/05/2011.

a dar ao MERCOSUL status de pessoa jurídica internacional e o que permitiu firmar acordos com outras entidades e adotar o modelo intergovernamental em detrimento do supranacional (idem).

O bloco do MERCOSUL iniciou as negociações com a Comunidade Andina de Nações (CAN) em 2003. E além da entrada da Venezuela em 2006, como país membro, outros países, como Chile, Bolívia, e México já tinham aderido ao bloco, como Estados Associados. O MERCOSUL foi renovado, pós-crise de 2002, após a falência do modelo neoliberal e a vitória eleitoral de presidentes com projetos políticos de corte democrático-popular. (CASTRO, 2006, P.40)

O MERCOSUL em sua formação enfrentou e ainda enfrenta dificuldades de naturezas regionais e sub-regionais. Por um lado, essas dificuldades são importantes ser notadas porque a presença delas prejudica o desenvolvimento do bloco como um todo e impede a inserção individual dos Estados constituintes, assim como dificulta o seu alargamento.

O MERCOSUL enfrenta escassa complementaridade econômica; Instabilidade político-institucional; conflitos de vizinhanças latentes; elevada média de proteção tarifária; programas públicos de apoio a substituição de exportações; oscilações da vontade política; ausência de embasamento teórico; definição de objetivos inalcançáveis; elevado índice de corrupção; altas taxas de desemprego; índices alarmantes de violência social; desrespeito aos direitos humanos fundamentais; imensas desigualdades sociais e regionais e apego ao formalismo conceitual do princípio da soberania estatal (idem, P.51).

Ainda segundo o autor citado anteriormente, em 2005, foi criado o Fundo para a Convergência Estrutural do MERCOSUL (FOCEM). O fundo financiará quatro tipos de programas: Programa de Convergência Estrutural; Programa de Desenvolvimento da Competitividade; Programa de Coesão Social; Programa de Fortalecimento da Estrutura Institucional e do Processo de Integração. E iniciaram as instalações do Parlamento do bloco, cujas eleições serão diretas e o número de parlamentares será proporcional ao tamanho de cada país, estabelecendo-se um limite para que a representação brasileira não supere as outras três.

Segundo Castro (2006), em relação ao comércio intra-bloco os resultados foram positivos:

De hecho, los dos objetivos fueron logrados: el volumen de comercio intra-Mercosur creció de forma importante (de menos de US\$ 4 mil millones en 1991 a US\$ 18 mil millones en 1998 y, después de una caída en 1999, llegó a US\$ 20 mil millones en 2000) y las Inversiones Externas Directas – IEDs saltaron de 5 a 6 mil millones de dólares en el principio de la década, para US\$ 14,2 mil millones de dólares en

1996 y 20 mil millones de dólares en 1997 (volumen que representaba cerca de 37% del flujo de inversiones en los países em desarrollo). (Castro, 2006, p.39)

O MERCOSUL vem obtendo sucesso sob a estratégia de acordos com outros blocos, ampliando-se. A tabela abaixo relaciona as parcerias com suas características principais.

Tabela 2: Relações Exteriores do MERCOSUL

RELAÇÕES EXTERNAS	OBJETIVOS
MERCOSUL – Colômbia -Equador- Venezuela	Ampliar as correntes de comércio entre os Estados Parte e os países andinos signatários.
MERCOSUL - Conselho de Cooperação do Golfo	O objetivo de negociar um Acordo de Livre Comércio, estabelecido durante o encontro de Cúpula América do Sul - Países Árabes, realizado em Brasília, em 2005.
MERCOSUL – Índia	Teve início, na PPTB, a negociação para a expansão do Acordo de Comércio Preferencial assinado com a Índia em março de 2005. A idéia é ampliar o número de produtos negociados (mais de 1000) e aprofundar as preferências concedidas (com cortes tarifários mais significativos)
MERCOSUL - Índia-SACU (Southern African Customs Union)	Diante das relações bilaterais e da aproximação de Brasil, Índia e África do Sul (no IBAS) surgiu a idéia de se negociar uma área de livre comércio trilateral.
MERCOSUL –Israel	A negociação de Livre Comércio já é avançada, principalmente as áreas de bens agrícolas e industriais contemplam volume substancial do comércio do MERCOSUL e Israel. A tendência é a cooperação na área de Tecnologia.
MERCOSUL –Peru	O ACE-58 regula o comércio entre o MERCOSUL e o Peru desde sua entrada em vigor, ocorrida em 01/02/2006.
MERCOSUL - União Européia	Nas negociações, tem possíveis avanços tanto em agricultura, por parte da EU, quanto em serviços, por parte do MERCOSUL.
MERCOSUL – Rússia	Foi assinado em 2006 o Memorando de Entendimento para o Estabelecimento do Mecanismo de Diálogo Político e Cooperação entre os Estados Partes e Estados Associados do MERCOSUL. O objetivo é propiciar o incremento dos contatos políticos, econômicos, técnicos e culturais.

Fonte: Elaboração Própria com base em: FUNAG, 2007.

Até agora verificamos a relevância da integração regional, tendo papel importante para o desenvolvimento da região na América do Sul. A prática da Teoria da Integração como orientador para o desenvolvimento dos países da região. Vimos o caso bem sucedido do MERCOSUL e seus desdobramentos até seu alargamento com a entrada da Venezuela como membro pleno. Como nossa pesquisa está pautada na análise dos discursos do presidente

Hugo Chávez, e no próximo capítulo discutiremos a política externa venezuelana, é importante voltar ao assunto sobre a democracia na Venezuela.

Com mais de 58% dos votos válidos em dezembro de 1998, a vitória de Hugo Chávez trouxe mudanças importantes tanto para a política da Venezuela, quanto para a da própria América Latina. (LOPES, 2011, p.86). O presidente venezuelano apresentou um novo modelo político, contra-hegemônico. Neste novo modelo, o Estado retoma as rédeas como fomentador do desenvolvimento da indústria nacional. Outro elemento discutido por Lopes (2011) é a mudança do foco da democracia, não mais apenas representativa, mas participativa e protagônica, com participação direta da população, por meio de modalidades de participação individual e comunitária. Além de mecanismos de democracia direta, como referendos, plebiscitos e consultas populares. Esses foram apenas os primeiros sinais das mudanças que seriam cada vez mais radicais e frequentes no Estado venezuelano (LOPES, 2011, p. 86).

Analisaremos agora como a política externa do governo de Hugo Chávez enfrenta os desafios no século XXI, diversificar as exportações e reduzir o volume das importações logrando uma integração regional que lhe permita o pleno desenvolvimento de suas capacidades e vantagens (MANCEBO, 2009).

3 A POLÍTICA EXTERNA DA VENEZUELA NO GOVERNO DE HUGO CHÁVEZ E OS BLOCOS DE INTEGRAÇÃO: ALBA, MERCOSUL E UNASUL

Para Fuccille (2006), as relações econômicas e diplomáticas entre o Brasil e a Venezuela, são complexas e a evolução das relações bilaterais nos últimos anos imprimiu um enorme significado para os dois países e para a América do Sul. A Venezuela representa ao mesmo tempo um parceiro e um concorrente; que tanto agrega benefícios quanto acarreta constrangimentos políticos em relação aos outros países da região e em relação à opinião pública interna do Brasil. Por outro lado, a presença da Venezuela na América do Sul é importante para a integração política, e para as diversas dinâmicas de integração econômica (FUCCILLE, 2006, p.3).

Ainda segundo Fuccille (2006), desde o fim do século XIX e durante quase todo o século XX a Venezuela esteve quase condicionada pelo seu aspecto de exportador de petróleo e seus interesses estiveram voltados quase que exclusivamente para suas relações com o Caribe e, principalmente para com os Estados Unidos. A abertura da Venezuela para a América do Sul, incluindo Brasil e MERCOSUL, teve início no segundo governo Perez (1989 a 1992), em função da necessidade de se diversificar parceiros e contornar a crise econômica pela qual passava aquele país (FUCCILLE, 2006, p.4).

Alguns pontos de continuidade e ruptura são evidente na política externa do governo Chávez (1999 - 2010), conforme veremos ainda neste capítulo. A idéia é resgatar algumas características importantes sobre o país; um breve histórico do país; identificar a continuidade e ruptura de política externa na era Chávez; verificar qual o papel da integração para Venezuela. Trata-se aqui de descobrir se é uma busca pela hegemonia de liderança em âmbito regional, ou para ter peso no cenário internacional. E verificar a dimensão estratégica da ALBA, do MERCOSUL e da UNASUL para a integração do país.

3.1. VENEZUELA: DA COLÔNIA À REPÚBLICA BOLIVARIANA

A Venezuela é um país ao mesmo tempo amazônico, andino e caribenho, com forte influência na América Central, exportador de petróleo, e a terceira maior economia regional. Na tabela abaixo, constam alguns dados básicos sobre a Venezuela.

Tabela 3: Dados Básicos Sobre Venezuela

DADOS BÁSICOS

NOME OFICIAL:	República Bolivariana da Venezuela
CAPITAL:	Caracas
ÁREA:	912.050 km ²
POPULAÇÃO:	27,7 milhões de habitantes
IDIOMA:	Espanhol (oficial)
ETNIAS:	Mestiços (67%); brancos (21%); negros (10%); indígenas (2%)
PRINCIPAIS RELIGIÕES:	Católicos (96%); Protestantes (2%)
SISTEMA POLÍTICO:	Regime presidencialista
CHEFE DE ESTADO:	Hugo Rafael Chávez Frías
CHANCELER:	Nicolás Maduro Moros
EMBAIXADOR EM BRASÍLIA:	Julio García Montoya
EMBAIXADOR EM CARACAS:	Antônio José Ferreira Simões
PIB (est. 2008):	US\$ 315,6 bilhões
PIB PPP (2007):	US\$ 334,3 bilhões
PIB PER CAPITA (est. 2008):	US\$ 11,4 mil
PIB PER CAPITA PPP (2007):	US\$ 12,8 mil
UNIDADE MONETÁRIA:	Bolívar Forte (Bs.F 2,15 = US\$ 1); câmbio fixo

Fonte: Disponível em: www.itamaraty.gov.br. Acesso em 13/05/2011.

Segundo Mancebo (2009), a forma de colonização da Venezuela foi baseada na prioridade a recursos minerais, como ouro e prata. Com as guerras de independência dizimaram os homens e os rebanhos, com o abandono da produção agrícola. A partir de 1830, o café assumiu o papel do cacau, até esse momento o produto principal de exportação. No final da Guerra Federal³, em 1864, a Venezuela recorreu a empréstimos. A partir de 1870 começaram os investimentos externos, mas em 1902 por causa da insolvência, as potências Inglaterra, Alemanha e Itália bloquearam os portos da Venezuela. Nos anos 1930, o setor

³ De acordo com Mancebo (2009), foi à luta política entre duas tendências identificadas: o federalismo e o centralismo, na busca pela igualdade dentro da sociedade venezuelana, visando à eliminação total dos "privilégios coloniais".

primário exportador deslocou-se definitivamente da agricultura para o petróleo. Em 1928 existiam 150 empresas petrolíferas registradas em Caracas, e a Venezuela era o primeiro exportador mundial e o segundo produtor (MANCEBO, 2009, p. 273 a 274).

O período que se seguiu ao fim da ditadura militar em 1958, foi caracterizado pela estabilidade política e prosperidade econômica. As três décadas seguintes, até 1989, a Venezuela se mostrou mais próxima do ideal de democracia. A economia venezuelana baseada na exportação de petróleo pode moldar o sistema democrático do país, minimizando os problemas de classe. Entretanto, a queda do preço do petróleo na década de 1980 fez com que o país recorre-se ao FMI e o Banco Mundial, sendo assim, submetida a reformas neoliberais. Esse pacote de reformas, não foi bem recebido pela população, enfraquecendo o acordo de *Puntofijo*⁴ (CERVO, 2007, p.177).

Segundo Maciel (2007), devido à crise econômica com a queda do preço do petróleo o país entra numa crise que gerou grandes consequências para a Venezuela. Dessa forma, a insatisfação com o regime fez com que surgissem inúmeros partidos, em sua maioria de esquerda. Em 1992, o país sofre uma tentativa de golpe de Estado pelo então Tenente-Coronel Hugo Chávez Frias, tentativa sem sucesso. Em 1993, acontece o *Impeachment* de Carlos Andrés Perez. Em 1994, dá-se início ao enfraquecimento do bipartidarismo (Acción Democrática e Comitê de Organización Política Electoral Independiente) (MACIEL, 2007, p.7). E em 1998, o país entra em processo eleitoral presidencial e Hugo Chávez vence as eleições. Segundo Maciel (2007):

Na presidência, Chávez empreendeu reformas políticas que iam de encontro ao antigo sistema, pautadas na representação política através de partidos. Estas mudanças ocorreram de forma pacífica, com apoio popular e militar e através de instrumentos democráticos e constitucionais. As transformações, obviamente, não se deram na ausência de conflitos, parecendo em certos momentos que a democracia entraria em colapso (MACIEL, 2007 p. 7).

Hugo Chávez chega ao poder em 1998, representando uma ruptura com o velho sistema político-partidário e com o desencantamento de grande parte da população, historicamente à margem deste sistema (OLIVEIRA, 2009, p.1). Para o sistema político interno, a política econômica de crescimento e mudança estrutural, econômica e social do

⁴ Segundo Cervo (2007), o *Puntofijo* foi um acordo assinado em 1958, no momento do fim de um regime ditatorial, pelos principais partidos políticos da ocasião, no qual se comprometeram com a garantia de um regime político democrático

governo Chávez é configurada pelo intervencionismo (fiscal, monetário e cambial) e por políticas sociais (incluindo ações em infra-estrutura) (COSTA, 2007, p.42).

De acordo com Mancebo (2009), a situação do país recebido por Hugo Chávez é caracterizada pelo seguinte panorama: na área social: desemprego, subemprego, queda da renda real, colapso dos sistemas de saúde, serviços onerosos e ineficientes, insegurança dos cidadãos. No terreno ideológico: perda de valores éticos, desprezo pelo público, esperança em uma saída que recuperasse a ordem e que essa ordem fosse justa. Expectativas: emprego, segurança social, eficiência institucional. Na área política: progressiva deterioração das instituições e dos atores, burocracia obstruída das normas e procedimentos, ineficiência ministerial, graves problemas de coordenação e coerência entre poderes públicos assim como entre o poder central, governos estaduais e prefeituras. No panorama econômico: receitas petrolíferas decrescentes, sensíveis desequilíbrios macroeconômicos com inflação persistente, recessão do aparelho produtivo. E no setor energético: debilidade político gerencial das instituições da administração central, desconfiança entre as principais autoridades decisórias no setor, violação de acordos de quotas da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP), queda dos preços, incerteza no entorno internacional (Ásia, Rússia, Iraque). Isso apenas para mencionar as características mais importantes (MANCEBO, 2009, p.283 a 284).

Podemos verificar que, apesar das enormes receitas geradas pelo petróleo, o país pouco soube se beneficiar, com uma taxa de crescimento da economia de 1,1% em média na década de 1980 e de 1,5% em média na década de 1990, (MANCEBO, 2009, p. 274). Hugo Chávez encontra o país com enormes dificuldades em várias áreas, conforme visto anteriormente. Analisaremos agora como sua política externa procurou contornar os problemas do país.

3.2 POLÍTICA EXTERNA DO GOVERNO DE HUGO CHÁVEZ E SEUS ASPECTOS DE CONTINUIDADE E MUDANÇAS

De acordo com Oliveira (2009), percebemos que houve continuidade e mudanças na diplomacia da política exterior venezuelana. Por um lado tem-se continuidade no sentido de a diplomacia servir como instrumento principal na orientação das relações internacionais do

país, que permaneceu numa linha hegemônica durante a Doutrina Betancourt (1958 – 1999) ⁵. Por outro, se tem a mudança por causa da ‘refundição’ da República realizada por Chávez, cujo instrumento diplomático passa a ser reorientado por princípios de complementaridade e integracionismo.

Complementaridade e Integracionismo são um binômio que realmente caracteriza a política externa venezuelana, mais do que significa uma ruptura aos programas anteriores. Radicalização, Desprofissionalização e Ideologização são aspectos inerentes à política externa do governo Chávez. (OLIVEIRA, 2009, p. 8). Isto significa uma política ativa, uma tentativa de poder de barganha frente aos EUA, uma proposta de uma ordem mundial multipolar e também um resgate de velhos preceitos como os que pautaram o movimento terceiro-mundista da década de 1970.

Para Pirela (2008), desde 1999 com a chegada de Chávez à presidência da República, o país experimentou uma mudança radical em sua política internacional, orientado a integração no continente americano, tomando como ponto de partida o sul do continente e o caribe. Para isso, a Venezuela vem se comportando de maneira particular com uma proposta de integração baseada em princípios bolivarianos, diga-se sonho unificador de Bolívar de ‘Pátria Grande’, no tocante a áreas relativas a iniciativas, projetos e acordos energético, econômico, cultural, científico, militar e educativo (PIRELA, 2008, p. 235).

A Política Externa da Venezuela é direcionada por múltiplas estratégias orientadas por duas dimensões: a dimensão solidária da diplomacia que obedece a aspectos ideológicos que une nacionalismo, socialismo e bolivarianismo, ou Diplomacia dos povos; e a dimensão geoestratégica que obedece a lógica de país produtor de petróleo. Ambas as dimensões influenciam no integracionismo de Chávez, mas a segunda está mais diretamente relacionada aos “interesses” de sua política. Conforme Oliveira (2009) argumenta, “O estabelecimento da diplomacia do petróleo é uma constante desde a ascensão de Chávez à presidência, e, representa uma aproximação com a Política Exterior do período de nacionalização petroleira, que, inclusive, reforçada por Chávez.” (OLIVEIRA, 2009, p.9)

A diplomacia do Petróleo relega a importância da Venezuela no cenário energético mundial MARTINS, (2007, p.7) entende que:

A Venezuela surge neste cenário, a partir do início dos anos 2000, como um ator que requer reiterada atenção pelos EUA. Isto se deve às mudanças políticas ocorridas

⁵ De acordo com Oliveira (2009), tal doutrina se traduzia na defesa da institucionalidade democrática, ou seja, nesse acordo a Venezuela não reconhecia nenhum governo cuja origem fosse uma ruptura institucional causada por um golpe de estado.

com o início da era Chávez, o que prejudicou consideravelmente os interesses norte-americanos. Com o aumento estrutural da demanda global por energia e o conseqüente acirramento das disputas por fontes seguras, a manutenção das fontes tradicionais torna-se uma questão de segurança nacional... a exemplo da Venezuela, a busca por tal autonomia poderá vir de várias maneiras, seja através das mudanças dos marcos legais que regem a questão petroleira, seja através da aproximação com centros alternativos, enfim, quaisquer meios que permitam uma mínima margem para o relacionamento externo de acordo com os interesses nacionais.

A diplomacia do petróleo também é responsável pela emergência de três eixos básicos na política externa venezuelana: fortalecimento e reafirmação do papel da OPEP no mercado mundial de petróleo; redefinição das relações com a América do Sul, América Central e Caribe; aproximação estratégica com países de outras regiões, notadamente a China, Irã e a Rússia. Na concepção de Martins (2007), “O petróleo, passa a figurar, como em nenhum outro momento da história, não mais como uma *commodity*, mas sim como um elemento estratégico para a segurança nacional de vários países.” (MARTINS, 2007, p.3)

Todavia, o petróleo passa a produzir dois desafios para a Venezuela, o primeiro de ordem interna, a distorções implicadas na economia nacional pelo efeito do vultoso ingresso de divisas no país, ou como Maciel (2007) alerta que “a grande dependência da economia venezuelana em um único produto, a torna vulnerável a flutuação do preço do petróleo no mercado internacional, o que, conseqüentemente, prejudica as finanças internas da mesma” (MACIEL, 2007, p. 3); e o segundo de ordem externa, o aumento da demanda global por energia e o conseqüente acirramento das disputas por fontes seguras. O comércio exterior continua sendo importante, atingindo em valor mais de 50% do Produto Interno Bruto (PIB) do país, principalmente devido ao valor das exportações petroleiras, que ultrapassa 40% do PIB. (COSTA, 2007, p.50).

O integracionismo de Chávez é uma forma de reverter à dependência da economia venezuelana no Petróleo, que representa como desafio ao país, conforme Mancebo (2009) afirma que;

Os desafios para a República Bolivariana de Venezuela se diferenciam pouco dos enfrentados pelos demais países da região: diversificar as exportações e reduzir o volume das importações com uma dinâmica produtiva interna diversificada e adaptada a suas potencialidades e população logrando uma integração regional que lhe permita o pleno desenvolvimento de suas capacidades e vantagens. (MANCEBO, 2009, p.286).

Quanto à dimensão que obedece a aspectos ideológicos unindo nacionalismo, socialismo e bolivarianismo, ou Diplomacia dos Povos, Lopes e Hitner (2009) argumentam:

A compra de títulos da dívida argentina, manifestações explícitas de apoio às candidaturas presidenciais nas eleições bolivianas, equatorianas e peruanas e a proposta da Alternativa Bolivariana para as Américas (Alba) fazem parte deste movimento, que é fundamental para a permanência de Chávez no poder. (LOPES E HITNER, 2009, p.164).

Conforme o autor, se nos primeiros anos de governo as preocupações do governo chavista foram orientadas para à rearticulação da Organização dos Países Produtores de Petróleo (Opep), à integração sul-americana, incluindo uma mudança na forma de integração teve a preferência quase que exclusiva na política externa após 2001. Discutiremos no próximo capítulo a política externa do governo Hugo Chávez para a integração e seus desdobramentos com os blocos, ALBA, MERCOSUL E UNASUL. A idéia é entender os principais processos de integração que estão em desenvolvimento na América Latina e compreender o posicionamento do presidente Venezuelano em relação a estes processos.

3.3. ALBA, MERCOSUL E UNASUL

Em primeiro lugar, discutiremos aqui a importância dos blocos de integração, como a ALBA e alguns de seus aspectos de integração. Bem como também a importância do MERCOSUL para a Venezuela e sua entrada no bloco como membro permanente. Conforme Lopes (2011), após a promulgação dos Tratados Bilaterais de Livre-Comércio com Estados Unidos pela Colômbia, Peru e Equador, o objetivo da política externa chavista em investir na aproximação da CAN com MERCOSUL, tornou-se inviável. Ocasionalmente a saída da Venezuela desse bloco e a subsequente entrada no MERCOSUL. Em seguida apresentaremos a UNASUL e suas vantagens para integração regional.

Em dezembro de 2001, sob a Terceira Cúpula de Chefes de Estado e de Governo da Associação de Estados do Caribe, realizada na Ilha Margarita - Venezuela, o presidente Hugo Chávez, lança a idéia da Aliança Bolivariana para os Povos da nossa América (ALBA), como uma proposta de integração completa, econômica, social, política e cultural dos povos da América Latina e no Caribe⁶.

A proposta integracionista pode ser classificada como um importante espaço de construção contra-hegemônico. A busca é por uma integração solidária e principalmente pondo à política a frente da economia nesse processo. Hugo Chávez propunha uma organização para integrar a partir dos povos e não das economias da região.

A ALBA começou oficialmente 14 de dezembro de 2004, quando os presidentes de Cuba, Fidel Castro e o venezuelano Hugo Chávez, reuniram-se em Havana e assinaram o protocolo de sua fundação, forma de integração e unidade da América Latina e Caribe baseado em um modelo de desenvolvimento independente, com prioridade para a complementaridade regional que deverá promover o desenvolvimento de cada um e reforçar a cooperação através do respeito mútuo e solidariedade⁶.

Segundo Altamann (2008), o bloco expõe uma visão alternativa aos acordos de livre comércio e está fundamentada em três princípios básicos: I. Oposição às reformas de livre mercado; II. Não limitar a ação reguladora do Estado em benefício da liberalização econômica; III. Harmonizar à relação Estado-Mercado. Desde seu anúncio em dezembro de 2001, a ALBA vem adquirindo forma nos programas de governo da Venezuela, especialmente por sua vinculação com as estratégias para o desenvolvimento definidas no Plano Nacional de Desenvolvimento (2001 a 2007), que especifica cinco equilíbrios: social, econômico, político, territorial e internacional.

Ainda segundo Altamann (2008), a ALBA põe novos pontos em discussão, baseados em critérios mais sensíveis e socializantes em relação ao Estado-Sociedade, Meio-Ambiente, marcados pelo respeito aos Direitos Humanos, aos trabalhadores, dando ênfase especial ao trato diferencial aos países mais pobres e criando um Fundo de Convergência Estrutural como mecanismo para reduzir as assimetrias regionais. Os esforços em torno do bloco se vêm materializados através de duas estratégias: I. Dirigida à conformação de uma estratégia continental 'TVSUR', cujo objetivo é constituir uma empresa multiestatal; II. Uma segunda estratégia é utilizar o petróleo como instrumento de política exterior, associando-o ao processo de consolidação da ALBA. Constituiu-se em janeiro de 2008 o Banco da ALBA para fomentar o desenvolvimento da integração econômica e social, reduzindo as assimetrias e promovendo uma distribuição mais igualitária, para que os países da América Latina não precisem depender e nem manter suas reservas na economia dos Estados Unidos.

Em abril de 2006 com a incorporação da Bolívia, a ALBA é enriquecida com a proposta dos Tratados de Comércio dos Povos (TCP), que são instrumentos de solidariedade e

⁶ Informações disponíveis em: <http://www.alba-tcp.org/> acesso em 31/05/2011.

de trocas comerciais entre os países complementares destinadas a beneficiar o povo em oposição a Acordos de Livre Comércio que visam aumentar o poder e dominação das empresas transnacionais.

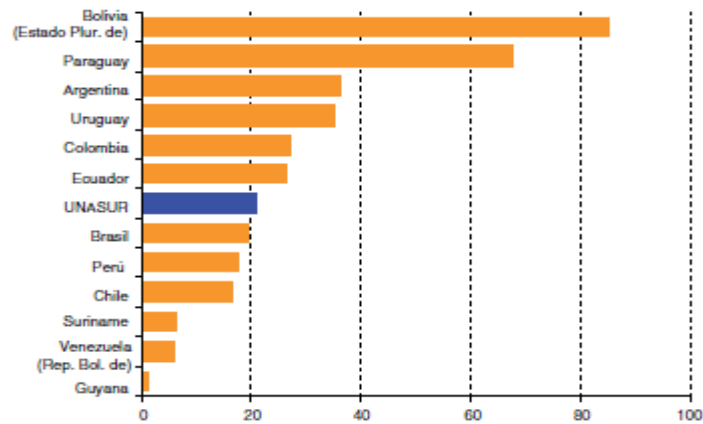
Analisando a origem, desenvolvimento e propostas desta iniciativa, notamos que a ALBA é uma proposta de integração latino americana, e quanto à sua possível materialização é importante ressaltar que os governos de Cuba e Venezuela já firmaram 49 acordos de cooperação, que deram início à sua implementação. Um dos pontos principais deste acordo diz respeito à saúde, outro ponto importante é a educação. Observa-se, portanto que o bloco procura inverter a lógica de integração a partir do mercado. Inicia-se a integração em áreas e setores onde a complementaridade é clara, partindo de especializações adquiridas pelas coletividades nacionais.

A UNASUL é formada pelos doze países da América do Sul e visa aprofundar a integração da região. A formação do organismo se deu em 8 de dezembro de 2004, em Cusco, Peru, foi realizada na 3ª Reunião de Presidentes da América do Sul. Primeiramente chamada de Comunidade Sul-Americana de Nações, só em 2007 na Venezuela, durante a 1ª Reunião Energética da América do Sul seu nome foi modificado para UNASUL. O tratado constitutivo da organização foi aprovado durante Reunião Extraordinária de Chefes de Estado e de Governo, realizada em Brasília, em 23 de maio de 2008. A partir dessa reunião, a UNASUL passa a ter personalidade política própria e, na prática, passará a ser um organismo internacional (DUPAS e OLIVEIRA, 2009).

Por suas riquezas naturais, a América do Sul é importante internacionalmente como um dos principais centros produtores de energia e de alimentos do planeta. Os principais objetivos do organismo serão a coordenação política, econômica e social da região. Com essa iniciativa, espera-se avançar na integração física, energética, de telecomunicações e ainda nas áreas de ciência e de educação, além da adoção de mecanismos financeiros conjuntos.

O Gráfico a seguir detalha o comércio entre os países do bloco UNASUL. Países pequenos como Bolívia e Paraguai destinam uma importante parte de suas exportações para o novo bloco. Em 2008 destinaram à UNASUL mais de 80% e 60%, respectivamente, de suas exportações totais. Argentina e o Uruguai superaram suas exportações para região em 30%. No caso do Brasil, Colômbia e o Equador 20%. Enquanto a Venezuela apenas 10% do total de suas exportações foi destinada para UNASUL, (NAÇÕES UNIDAS, 2009).

**UNIÓN DE NACIONES SURAMERICANAS (UNASUR):
PROPORCIÓN DEL COMERCIO INTRARREGIONAL
POR EXPORTACIONES, 2008**
(En porcentajes del total)

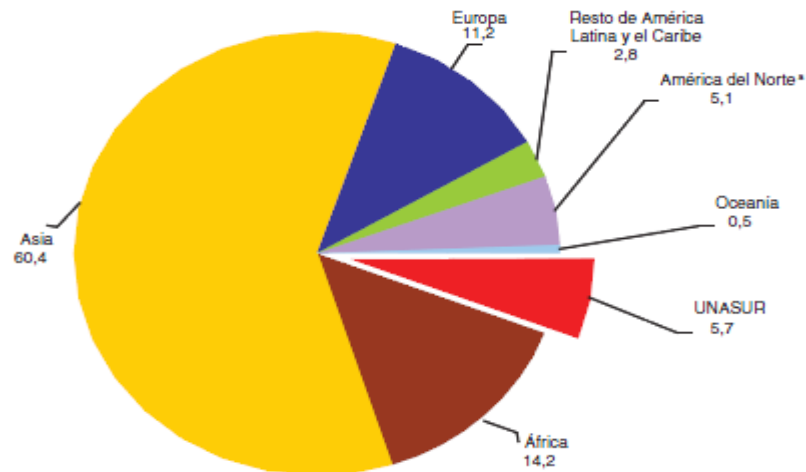


Fuente: Comisión Económica para América Latina y el Caribe (CEPAL), sobre la base de cifras oficiales.

FONTE: Nações Unidas, 2009.

O gráfico abaixo destaca a população da região que compreende a UNASUL, bem como a população de outras regiões do mundo.

**UNIÓN DE NACIONES SURAMERICANAS (UNASUR) (12 PAÍSES) Y
OTRAS REGIONES DEL MUNDO: DISTRIBUCIÓN GLOBAL DE LA
POBLACIÓN REGIONAL, 2005**
(En porcentajes)



Fuente: Centro Latinoamericano y Caribeño de Demografía (CELADE) - División de Población de la CEPAL, estimaciones y proyecciones de población, 2007; Naciones Unidas, World Population Prospects, 2006 [en línea] <http://esa.un.org/unpp/>.

* Incluye los Estados Unidos, el Canadá, St. Pierre y Miquelon, Bermuda y Groenlandia.

FONTE: Nações Unidas, 2009

Com relação ao MERCOSUL, mais enfaticamente, Costa (2007) argumenta que; “O objetivo do Governo Chávez é impulsionar uma integração regional cooperativa a partir desse bloco. Para o objetivo da integração sul-americana, Chávez aposta numa relação estreita entre o eixo Buenos Aires - Brasília - Caracas.” (COSTA 2007, p.55). A instituição de uma estável aliança estratégica entre Argentina, Brasil e Venezuela conduzirá à formação de um núcleo duro que consolidará MERCOSUL e, decorrentemente, um sistema sul-americano de cooperação econômica, política e cultural. (JAGUARIBE, 2007, p. 147). Isto é,

A formação de uma estável e confiável aliança estratégica entre Argentina, Brasil e Venezuela, ademais de depender de uma lúcida vontade política, por parte dos governos desses três países, depende de uma combinação de fatores, desde os que se referam a uma compartilhada visão das condições domésticas e internacionais com que se defrontam, até, muito particularmente, a adoção de um programa industrial comum. (JAGUARIBE, 2007, p. 147)

Na verdade, Pecequilo (2009) expressa que:

Chávez está consciente que Venezuela é incapaz de completar uma integração regional sem o Brasil. Também, Lula começou a ser visto como mais um líder de esquerda, mas um social democrata e centro-direita, não um radical como Chávez defende. Neste sentido, isto é uma razão pra que Chávez mantenha uma posição radical em seu discurso, mas é sempre fazendo concessões para o Brasil em ordem a manter seu vizinho mais próximo, tentando, em caminhos indiretos, solidificar ganhos da revolução bolivariana. PECEQUILO (2009, p.10)

Segundo Kfuri (2008) no escopo da dimensão sub-regional e do MERCOSUL, destaca-se como objetivo do ativismo venezuelano para a construção de um mundo multipolar “participar na construção do MERCOSUL visando à construção da União Sul-Americana de Nações (UNASUL) e trabalhando pela avaliação, revisão e reorientação dos conteúdos do programa integracionista” com os membros do MERCOSUL as afinidades político-ideológicas são menos enfáticas, no entanto existem importantes projetos comuns na área energética, financeira e comercial, que alimentam o processo de adesão da Venezuela como membro pleno e o redesenho do MERCOSUL como um bloco regional de integração multidimensional e não apenas comercial; um dos principais movimentos regionais da política externa do governo Chávez foi à adesão da Venezuela como membro pleno do MERCOSUL.

Para Maciel (2007) a nova adesão trará grandes benefícios não só para o bloco, devido às grades reservas de petróleo venezuelano, mas também para a Venezuela, que busca

diversificar suas estruturas produtivas e mercados, com a finalidade de sair da eterna dependência dos Estados Unidos. Porém,

é clara a orientação do governo Chávez no sentido de aderir ao bloco já com uma proposta de revisão, que pretende reorientar seus conteúdos e adequá-los a ideais integracionistas coerentes com o programa de transformação socialista, integração dos povos e luta antiimperialista. No entanto, apesar dos governos dos outros quatro membros do MERCOSUL compartilharem em alguma medida o horizonte integracionista do governo venezuelano, eles não comungam como o projeto socialista nem com a abordagem anti-EUA... (p.18)

De acordo com Castro (2006) as mudanças ocorrerão rapidamente com a entrada da Venezuela como Estado Parte.

La entrada de Venezuela como Estado parte del Mercosur introduce una serie de cambios y perspectivas en el Mercosur. Seguramente el Presidente Chávez va a politizar mucho más el ambiente intergubernamental del Mercosur. Esa incorporación no es sencilla, ya que Venezuela se tiene que adherir a los documentos ya firmados en el Mercosur, algunos de ellos sin correlación en la CAN. (CASTRO, 2006, 52)

Enfim, complementaridade e integracionismo são vetores essencialmente presentes no objetivo da política exterior da Venezuela na primeira década do século XXI. E neste mesmo segmento encontram-se duas dimensões intrínsecas: a Diplomacia dos Povos e a Diplomacia do Petróleo. No caso da Alba, a dimensão da Diplomacia dos Povos está inserida neste contexto. Os projetos de integração apresentados pela Venezuela possuem caráter prioritariamente político, sendo motivados por razões de poder, neste caso, aumentando o poder dos Estados do subcontinente e diminuindo sua dependência, além de frear a dominação política e econômica dos EUA na região. Quanto a UNASUL, a dimensão é a diplomacia do petróleo. Através dos gráficos apresentados verificamos que existem tanto capacidades de alavancar seu comércio intra-bloco, fator econômico importante para Venezuela. Quanto à capacidade de consumo, pois estamos no bloco com 5,7 por cento da população mundial. Por isso o governo de Hugo Chávez mantém constante diálogo sobre a integração no âmbito da UNASUL.

Construímos até aqui o papel da integração na América do Sul, sendo esta importante para todos os países da região. Identificamos a Teoria Clássica da Integração e sua aplicação, o caso do MERCOSUL, no qual os países membros buscam uma melhor capacidade de inserção internacional. Verificamos o governo Chávez e sua política externa integracionista.

Analizamos os blocos: ALBA, MERCOSUL E UNASUL, sendo estes de caráter político ou comercial. Percebe-se, como foi visto neste capítulo, que o objetivo maior da política exterior chavista é uma América Latina unida e, para isso, a questão energética, entendida como Diplomacia do Petróleo para o governo Chávez, é sempre um tema bastante abordado e fruto de inúmeros acordos com os países vizinhos. A meta é fazer com que seja aprofundada uma integração energética que leve a todos os Estados latino-americanos a energia necessária para o seu desenvolvimento. Sendo a Venezuela é um dos maiores produtores de petróleo no mundo, Chávez aposta que seu país possa ser muito importante nesse auxílio, a dimensão solidária ou Diplomacia dos povos; tendo como contrapartida a possibilidade de obter acesso a diversos produtos que sua indústria é incapaz de prover para a sua população.

Continuando nessa mesma linha de raciocínio, o próximo capítulo traz à luz do estudo de percepção a análise dos discursos de Chávez nessa primeira década ou desde o início de seu mandato, num contexto que parte de segmentos ideológico-políticos como ALBA e UNASUL e de segmentos econômico-comerciais, integrações como o MERCOSUL.

4. O DISCURSO POLÍTICO E OS DISCURSOS DE HUGO CHÁVEZ

4.1. TEORIAS DO DISCURSO POLÍTICO

O discurso político é o discurso do sujeito em excelência. E como sujeito, durante a nossa vida temos diversos posicionamentos. Então somos sujeitos de múltiplos discursos. O discurso político é mutável e é constituído a partir da função social que o sujeito dono do discurso mais se identifica. De acordo com Pinto (2006) o discurso é empreender a idéia, porém não é permanente esta idéia, por mais tempo que dure, pode ser contrária, nada garante que será sempre assim.

Vários elementos são levantados para analisar o discurso. No nosso caso, três deles são importantes: a formação discursiva; corpo discursivo; intertextualidade – campo de memória e campo de presença. O filósofo francês Michel Foucault (1997, p. 35) define formação discursiva como “um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço e que definem em cada época dada e para cada área social e econômica, geográfica ou lingüística dada as condições do exercício da função enunciativa”. Em outras palavras, para Pinto (2006) a formação discursiva envolve o contexto das quais se distribui os temas, objetos, hipóteses, em um dado espaço discursivo.

Corpo discursivo “é um conjunto de seqüências discursivas estruturadas segundo um plano definido em referência a um certo estado de condições de produção do discurso. A constituição de um corpo discursivo é um efeito, uma operação que consiste em realizar por um dispositivo as hipóteses dentro da definição dos objetivos de uma pesquisa.” (PÊCHEUX, 1990, p. 163). Portanto, o corpo discursivo é o estudo de análise que deve ser definido pelo pesquisador, segundo seus questionamentos. E há duas condições importantes para essa definição: o corpo discursivo deve ter uma unidade que possibilite estudá-lo como um fenômeno específico e conter nessa unidade a pluralidade de discursos que possibilite dar conta de hipótese de trabalho (Pinto, 2006 p. 95).

E por último, a intertextualidade trata da presença de um discurso, de uma formação discursiva, em um outro discurso, e no discurso político tal característica está muito presente. Constitui-se em trazer experiências da ciência para dentro do discurso político. Dentro desse

elemento, é importante analisar o campo da memória. Nesse campo os discursos se utilizam de fatos que tiveram sucesso, ou não, para legitimá-lo. (Pinto, 2006, p.97).

O discurso está relacionado com uma função social, mas que todo o discurso é um discurso de poder e busca impor verdade: criando verdade a partir da imposição de sua idéia e desconstruindo o outro discurso ou o discurso do outro. Michel Foucault (1996) define como poder a capacidade social de delimitações conceituais; a possibilidade de circulação de novos sentidos ligados às práticas institucionais e a lógica de criação de saberes que legitimam estas práticas. De acordo com Pinto (2006, p.92):

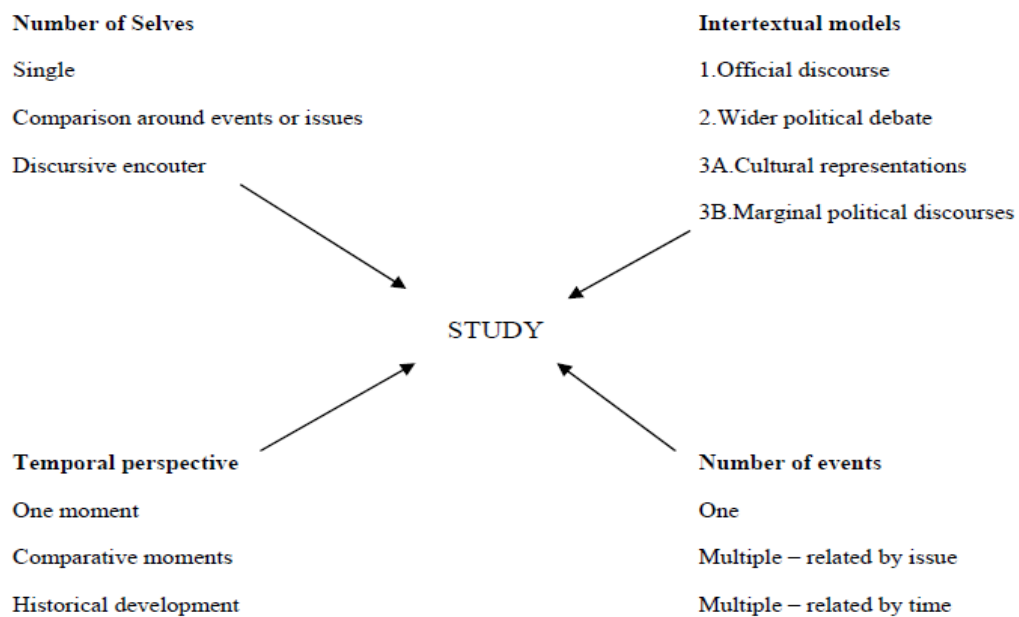
Todo o discurso é um discurso de poder, na medida em que todos os discursos pretendem impor verdades a respeito de um tema específico ou de uma área da ciência, da moral, da ética, do comportamento, etc. Entretanto, o discurso político se destaca de todos neste particular, porque enquanto os outros tendem a deslocar seus desejos de poder, tornando-os opacos, o discurso político explicita sua luta pelo poder (PINTO, 2006, p.92).

Segundo Mendes, (2008), julgar politicamente um grupo é classificá-lo a partir da dicotomia amigo-inimigo. O que levaria a constituição de tais antagonismos seria muito mais a construção de discursos sobre o outro que propriamente sua identificação do que seja real. Isto é, a construção da dicotomia entre *self* e *other* teria muito mais caráter discursivo que ontológico: falar sobre o indivíduo é construí-lo discursivamente. Vale também salientar da metáfora *inside-outside*, que não somente seria referencial para caracterizar o ambiente internacional, como também, imprescindível na constituição do próprio saber sobre este ambiente. Por exemplo, quando falamos sobre a soberania estatal no Sistema Internacional, seria mais uma espécie de delimitação espacial sobre onde deveríamos procurar e estabelecer relações de governança que propriamente uma constatação neutra da realidade.

A dicotomia *inside-outside*, muito mais do que revelar a diferença entre um mundo fora e outro dentro dos Estados, seria uma estratégia de delimitação sobre onde devemos procurar relações de poder ou de autoridade. (Mendes, 2008). Ou, as relações amigo-inimigo que está inserido em quase todas as esferas de relações sociais (principalmente quando tratamos das relações de poder), como na esfera econômica, tendemos a classificar os resultados em rentáveis e não rentáveis, por sua vez, o investimento é atribuído ao lado rentável. Em outras esferas também construímos outras dicotomias como belo e feio, etc. Para Schmitt (1992), cada esfera possui seus parâmetros de classificação e, quando nos referimos à política, a lógica não poderia ser diferente.

Enfim, Hansen (2006) destaca quatro dimensões a serem definidas em todo modelo de análise textual. Qualquer pesquisa discursiva deve definir o número de *Selves* a ser analisado, o tipo de modelo intertextual, a perspectiva temporal e, por fim, o número de eventos abordados. Onde, o número de *selves* refere-se ao número de identidades que serão analisadas. Isto permite pra quem está analisando escolha à análise de um self apenas, a comparação de selves em diferentes eventos ou questões, ou um encontro discursivo de identidades.

Já os modelos textuais referem-se à natureza dos discursos que serão analisados e podem ser classificados em quatro categorias: discursos oficiais, debate político mais amplo, representações culturais ou discursos políticos marginais. Quanto à perspectiva temporal, devemos escolher entre o estudo de um único momento, a comparação entre momentos diferentes ou o desenvolvimento histórico dos discursos. Por fim, o número de eventos pode ser: único, múltiplos (relacionados por assunto) ou múltiplos (relacionados por tempo).



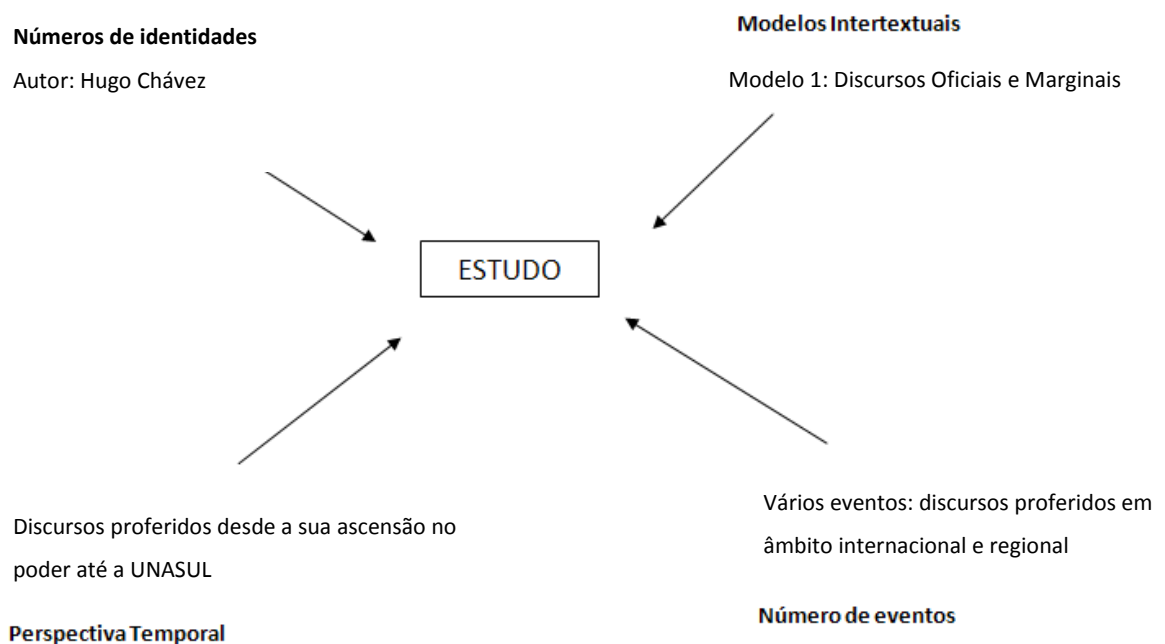
FONTE: Hansen, 2006.

Na pesquisa em questão – análise dos discursos de Hugo Chávez – optamos pelo estudo das estruturas discursivas utilizadas a partir de um único *Self*, no caso, Hugo Chávez. A proposta é analisar as estratégias discursivas utilizadas, continuidades e mudanças. Neste caso, não importa saber quem realmente tenha escrito os discursos, uma vez que o Presidente Hugo Chávez os produz tornando-se responsável pelos mesmos.

Em relação aos modelos intertextuais, a opção foi pelo estudo dos discursos oficiais, e discursos políticos marginais, sejam eles impressos ou transcritos. Em relação à perspectiva temporal, foi utilizado vários momentos: discursos proferidos desde sua ascensão como presidente da Venezuela até o surgimento da UNASUL.

E por último, em relação ao número de eventos, a escolha foi por discursos proferidos em vários eventos, sendo em âmbito internacional ou regional.

Adaptando graficamente a demonstração de Hansen (2006), temos:



FONTE: Hansen, 2006.

Enfim, até agora foi dado o conceito de discurso político, seus elementos e suas dimensões de análise. A partir de agora nos ateremos a algumas interpretações que estudiosos elaboraram sobre o discurso e a política de Chávez. E por último, as análises específicas dos discursos do Presidente.

4.2. INTERPRETAÇÕES SOBRE OS DISCURSOS DE HUGO CHÁVEZ

Através dos estudos realizados para esta pesquisa, foram encontradas alguns trabalhos acadêmicos sobre a personificação da política externa por Hugo Chávez, muitas vezes fazendo-se pressupor, através da análise textual, que seja o próprio presidente que determina a política externa do país. Por exemplo, Caetano (2007) escreve:

A integração da Venezuela, trata-se da incorporação ao bloco da terceira economia, pelo PIB, da América do Sul; seus recursos energéticos, como os da Bolívia, resultam vitais para qualquer esquema de integração viável na região; seu governo manifestou uma inegável vocação integracionista (ainda que com o rumo negativo de uma excessiva personalização carismática dessa genuína tendência)... [em relação a Chávez] trata-se de um governo fortemente personalizado e polarizador, que tem ensaiado e ensaia uma estratégia perigosa, confrontativa, para dentro e para fora... Chávez não hesitou em intervir em seus processos eleitorais internos [a países latino-americanos]... os passos seguintes [político eleitoral]... Apesar da relevância de sua ajuda econômica e financeira a países do bloco, com iniciativas de projeção generosa e genuinamente regionalista, Chávez esboçou outros tipos de iniciativas (como a criação das Forças Armadas do Mercosul, entre outras) que divergem de forma radical com as orientações dos outros países do bloco. (CAETANO, 2007, p.360-361)

E sobre os discursos antiimperialistas (antiamericano) bolivarianos a cerca do Socialismo do Século XXI, Costa (2007) trata dos discursos de Hugo Chávez como importante para a política do país, que desempenham um papel importante no processo decisão. Mendes (2008) descreve a abordagem que está inserida numa relação de identificação amigo-inimigo, conforme:

Como pano de fundo, exercem papel importante os discursos do ‘Socialismo do século XXI’, apontando para um sonho de sociedade ideal que move a realidade (o material), os discursos ‘antiimperialismo’, identificando a necessidade de união e fortalecimento do Estado diante de um inimigo externo que tudo pode e respaldando a autonomia das decisões do Estado em relação ao status quo, (COSTA, 2007, p.54).

Kfuri (2008), identifica nos discursos de Chávez conteúdos radicais, revolucionário e antiimperialista. De acordo com o autor:

Apesar de acusações de ingerências em assuntos internos de outros países, como será visto adiante, Chávez reforça sua imagem de líder contra-hegemônico entre os movimentos sociais, em grande medida em razão dos financiamentos proporcionado

pela Venezuela a essas organizações, mas também por uma identificação com o tom radical, revolucionário e antiimperialista de seu discurso (KFURI, 2008, p.11)

Oliveira (2009) relaciona algumas projeções de Chávez com o discurso político anti-americanista: como polarização política, liberdade de imprensa e o projeto do Socialismo do Século XXI. Segundo o autor:

A partir de 2002 o governo teria adotado um discurso abertamente anti-americanista, a polarização política entre governo e oposição se acentuara, a liberdade de imprensa teria sido comprometida com a não renovação da concessão da RCTV em 2007; e o governo teria lançado as bases de seu projeto político chamado “Socialismo do Século XXI” em 2004 (OLIVEIRA, 2009, p.10)

Porém, outros afirmam que os discursos podem ser considerados, como um empecilho ao objetivo do próprio discurso ou do conteúdo do discurso. Segundo Jaguaribe (2007):

É certo que a exuberante personalidade de presidente Chávez e sua inconsiderada retórica antiamericana – assumindo gratuitamente posições antagônicas, em vez de convenientes posições autonômicas – podem constituir um obstáculo a um racional encaminhamento das conveniências antiamericanas (JAGUARIBE, 2007, p.149)

Na pesquisa consideramos essas interpretações sobre os discursos de Chávez importantes, principalmente pela contribuição dada às análises elaboradas a seguir. Conforme a proposta de análise de Hansen (2006), continuaremos analisando os discursos de Hugo Chávez, sendo: o número de pessoa, um, o próprio presidente. Os modelos intertextuais, os discursos oficiais e marginais proferidos pelo Chávez. A perspectiva temporal, desde sua ascensão ao poder até a criação da UNASUL. E o número de eventos, vários discursos proferidos em organismo internacional ou regional.

Tentaremos responder as seguintes questões: Mudou o discurso de Chávez em relação ao processo de integração regional? Complementaridade e Integracionismo aparecem constantemente nos discursos do Presidente? Nos discursos, sobressaem aspectos relacionados à Diplomacia dos Povos ou Diplomacia do Petróleo? Integração é um tema constante nos discursos de Chávez?

A ênfase dada ao MERCOSUL, pois este é o bloco na América do Sul mais consolidado, por sua vez, constitui-se de um poder político relativamente válido e legítimo na região. Porém, achamos essencial e inerente as análises dos discursos de Hugo Chávez e no contexto de integração regional, proferidos na Organização das Nações Unidas (ONU); na

Organização dos Estados Americanos (OEA); na União das Nações da América do Sul (UNASUL); e na Comunidade Andina (CAN).

4.3. ANÁLISE DOS DISCURSOS DE HUGO CHÁVEZ

Parafraseando Céli Pinto (2006, p.93), um exemplo simples: não existe um discurso científico fora das ciências. O discurso científico está sempre nas ciências. Não existe um discurso religioso mesmo que não seja de uma religião familiar, identificamos como um discurso religioso. O discurso diplomático, proferido nas missões diplomáticas em organismos internacionais, também tem sua formação discursiva particular que percebemos quando entramos em contato com ele. Além desses e adentrando no nosso estudo, podemos citar o exemplo dos discursos chavistas, esses que no século XXI ganharam certa excentricidade no âmbito da diplomacia, pela forma como vem sendo construído.

Uma pessoa que está lendo um texto proferido em alguma assembléia internacional e se depara constantemente com palavras como revolução, Símon Bolívar, reformas, refundição, povos do mundo, modelo esgotado, realidade; ou expressões de antagonismos, pleonasmos viciosos, radicalismo; se dirige logo ao Presidente Venezuelano Hugo Chávez.

A percepção de forças amiga e inimigas (e/ou *insider-outsider*) aparece em quase todos os discursos, seja para o público doméstico ou no âmbito internacional. Como fizera na XI Reunião Presidencial Andina:

Creo que nosotros tenemos que revisar de dónde venimos y buscar con lupa las entrañas de nuestra historia. Creo que si no logramos descifrar esas entrañas, seguiremos encerrados en el laberinto garciamarquiano. ¿Cómo salir, Dios mío, de este laberinto?... Bolívar decía, por ejemplo, en aquella Cartagena libertaria, frases como la siguiente: "Nuestra división más que las armas españolas nos tornaron a la esclavitud". Yo creo que esa frase sigue retumbando en todas estas costas y en todos estos valles y montañas de la América Latina y el Caribe. Nuestra división, más que las armas o más que la acción de cualquier enemigo, adversario o fuerza extraña a nosotros nos ha llevado históricamente a la situación que hemos vivido en estos casi dos siglos de nuestra reciente historia (HUGO CHÁVEZ, 26/04/1999).

Como se pode perceber esse primeiro discurso traz duas características importantes de ser notada: primeira, se refere ao uso de elementos históricos para tentar legitimar seu objetivo discursivo, seja em relação ao ambiente diplomático, ou seja em relação ao público-

alvo que são os povos da América Latina. Nota-se, também, a referência histórica como forma de aproximação, por compartilhar as mesmas experiências e, portanto, implicitamente, tentar agir coletivamente; a segunda é a tentativa de desclassificar elementos realistas, por exemplo, a força coercitiva, como forma de poder e dominação marcante nas relações internacionais. Isto é, elementos outros além “das armas” são responsáveis por aproximar os povos da América Latina.

O Presidente Chávez, no ato inaugural da XI Conferência Presidencial da Comunidade Andina (CAN), ainda em 1999, deixa claro a importância de uma coesão doméstica para o aceleração do processo de integração regional, pretendido para a integração de blocos já formados, por exemplo: a CAN e o MERCOSUL:

Y aquí en el marco de la Comunidad Andina de Naciones lo ratificamos porque es un clamor de nuestro pueblo. El pueblo venezolano ama al pueblo colombiano, igual el pueblo colombiano ama al pueblo venezolano. Somos el mismo pueblo, igual que los demás pueblos de América latina y del Caribe. Más integración social hacia dentro de cada país es fundamental para que ese gran espacio sea sólido de verdad, para que las bases del edificio no estén carcomidas y una integración de nuestro continente que vaya más allá de la Comunidad Andina, y creo que ahí tenemos que pisar también mecanismos de aceleración: con MERCOSUR, la Cuenca Amazónica, con la Comunidad del Caribe, el gran Caribe, y saludo a los representantes de los países del Caribe igual que al del MERCOSUR. Pues aquí estamos llamados a conformar un gran bloque de fuerza para enfrentar ese mundo multipolar del siglo veintiuno. No puede ser bipolar, mucho menos unipolar. Tenemos que hacerlo pluripolar y aquí por todas las condiciones geográficas, humanas, históricas y potenciales, nosotros estamos llamados a conformar uno de los polos de fuerza de poder en las puertas del siglo veintiuno. Tenemos las condiciones para serlo: avancemos, unidos y en ofensiva en esa dirección. Creo que hacia allá vamos (HUGO CHÁVEZ, 26/04/1999)

Neste trecho do discurso identificamos que o processo de integração regional assume um papel importante para fortalecer os países membros dos efeitos da multipolaridade; a integração regional é um processo realizado principalmente por vontade dos povos, isto é, remetemos a diplomacia solidária presente na estratégia de política externa da era chavista. Ademais, podemos perceber que o vetor de complementariedade está inserida neste discurso, neste caso, entre a Comunidade Andina e o MERCOSUL.

Na XIII Reunião Presidencial Andina, Chávez acerta que antes de formar um corpo político entre polaridades, a formação de uma área de livre comércio entre elas é um fator contribuinte para esse fim:

las relaciones CAN-MERCOSUR igual, lãs temos vendeu trabajando desde el año pasado, hemos hecho varias reuniones para avanzar firmemente hacia la conformación de una zona de libre comercial de América del Sur y tenemos la meta

de cumplir con esto hasta el 31 de diciembre de este año, habrá una reunión pronto, ahora será en Uruguay el mes de julio para avanzar en la homogeneización de posiciones entre Comunidad Andina y Brasil, ojalá ese escenario lo tengamos concretado muy pronto, una zona de libre comercio de América del Sur, que estoy seguro va a contribuir a esa integración política de Sudamérica. (HUGO CHÁVEZ, 24/06/2001)

Os dois vetores de política externa – complementariedade e integracionaismo – estão presentes no discurso. Ou melhor, Chávez considera importante a integração, principalmente política, entre MERCOSUL e a CAN, a integração entre um bloco e um país, nesse caso, entre a CAN e o Brasil.

Abaixo segue um discurso proferido na ALBA, e a seguir identificamos várias características da política externa de Chávez:

Queremos un modelo que nos integre de verdad. No un modelo que nos desintegre, que integre a unos a expensas de la desintegración de otros, ese no puede ser el camino, por tanto con mucha modestia y humildad proponemos desde Venezuela, a los caribeños y a los latinoamericanos que vayamos pensando de una buena vez en otra alternativa porque esa creemos que no es posible. Se nos ha ocurrido lanzar una propuesta, que pudiera llamarse el ALBA, Alternativa Bolivariana para los pueblos de Nuestra América. Un nuevo concepto de integración que no es nada nuevo, se trata de retraer o de traer nuevamente un sueño que creemos posible, se trata de otro camino, se trata de una búsqueda, porque ciertamente la integración para nosotros es vital: O nos unimos o nos hundimos. Escojamos pues las alternativas. (HUGO CHÁVEZ, Disponível no site: www.alba-tcp.org, sem data).

No discurso, fortemente está inserido o papel da integração para união dos povos, reforçando a idéia de diplomacia solidária. Na frase: “uma alternativa bolivariana para os povos da nossa América.”, por exemplo, o Presidente caracteriza a integração como uma alternativa; historicamente, nos moldes de Bolívar, reforçando a idéia no campo da memória; a igualdade é acentuada quando usa o termo “nossa América”; além de atribuir uma uniformidade a região América, inserindo-a no sentido “amigo”.

Em 2003, Chávez participou da Reunião de Alto Nível sobre Pobreza, Igualdade e Inclusão Social, na Organização dos Estados Americanos. Em trecho seleccionado, o Presidente declara o seguinte:

[...]democracia es una cosa mucho más profunda, democracia es un sistema de vida, la democracia debe incorporar la igualdad, la equidad, la inclusión de todos, sin excepción, la distribución equitativa del ingreso nacional, de la riqueza nacional. Entonces aquí en Venezuela se hizo presente la figura matemática sobre la cual alertaba Aristóteles en su política, una democracia, sí, es difícil decir que había una dictadura, no, cómo si había elecciones; claro, una careta de democracia, un ropaje de democracia. (HUGO CHÁVEZ, 08/10/2003)

Nesse discurso o objetivo do Chávez é reforçar a idéia de democracia, embora seja uma democracia com outra roupagem. Ele foi proferido um ano após a tentativa de golpe de Estado, em 2002, na Venezuela pelos opositores de Chávez. A partir desse período nota-se uma presença mais constante do termo democracia, assim como a tentativa de legitimar seu governo.

Em 2004, na XV Conselho Presidencial Andino Chávez comenta sobre o sucesso que vem tendo no Mercosul e esclarece que ser um Estado Associado a este bloco não debilita as relações e negociações da Venezuela com os países da Comunidade Andina:

Venezuela ha recibido con júbilo su incorporación al Mercosur, desde el comienzo de nuestro gobierno, iniciamos la solicitud, se nos acusó en aquella ocasión en 1999, que queríamos con ello, debilitar la Comunidad Andina, ¡no! siempre dijimos que lo hemos visto como más bien una manera de darle impulso a la integración de los bloques: Comunidad Andina y MERCOSUR. (HUGO CHÁVEZ, 12/07/2004)

Neste trecho é fundamental notar que a Comunidade Andina reflète uma idéia de complementariedade ao MERCOSUL e não de substituição de um bloco por outro.

Destacamos um trecho do discurso de Hugo Chávez proferido no dia em que a Venezuela recebe a Presidência Pró-Tempore do Conselho Presidencial Andino, cujo Presidente destaca a necessidade de partir para uma dimensão mais ampla de integração, nas quais a CAN e MERCOSUL já estão integrados em seus processos específicos - e é aí que entra o papel da UNASUL – antiga CASA. Além da enunciação de uma integração nos aspectos político, econômico e social – sem destacar a hierarquia entre eles.

Se está abriendo un nuevo ciclo 2005, 2030 creo que debemos llenar de contenido estratégico y de visión estratégica estos esfuerzos y no limitarnos a un año y a un pequeño tramo y otro pequeño tramo, al respecto ahora cuando ha salido o cuando ha nacido; en el Cuzco como nació la Comunidad Suramericana de Naciones yo propongo también señor Secretario, Señores Presidentes, Delegados que hagamos un esfuerzo superior para lograr, porque eso no va a ocurrir tampoco de manera espontánea lo que hemos llamado una convergencia entre la Comunidad Andina y Mercosur. Eso no va a ocurrir así de la nada, claro que pronto tendremos una reunión en Brasilia, creo que es; de la Comunidad Suramericana bueno, allá debatiremos el tema; pero yo creo que tenemos planificar estratégicamente la unión CAN-Mercosur; trascender la CAN, trascender el Mercosur hacia la unión suramericana, porque es un reto que ya nos hemos impuesto además de los retos propios de nuestra Comunidad Andina y del Mercosur... Hermanos, compañeros, compañeras hagamos todo lo que tengamos que hacer para que el gran día de nuestra América del Sur, de nuestra América; llegue y llegue pronto y podamos tener de verdad un continente, una América Latina, un Caribe unido en lo político, en lo económico, en lo social, próspero y sólo así, sólo así seremos libres. Muchísimas gracias. Muchas gracias (HUGO CHÁVEZ, 18/07/2005)

Mais uma vez, Hugo Chávez reforça idéia de complementariedade, principalmente na integração entre blocos já integrados. Além disso, a diplomacia solidária é eminente. O presidente destaca que a integração nos moldes tradicionais, que visa integrar através do viés econômico, não é suficiente.

A idéia de reforma é usual nos discursos de Hugo Chávez, como em seu discurso na 60ª Assembléia Geral da ONU:

El propósito original de esta reunión ha sido desvirtuado totalmente. Se nos ha impuesto como centro del debate un mal llamado proceso de reformas, que relega a un segundo plano lo más urgente, lo que los pueblos del mundo reclaman con urgencia, como lo es la adopción de medidas para enfrentar los verdaderos problemas que obstaculizan e impiden los esfuerzos de nuestros países por el desarrollo y por la vida[...] Esto, amigas y amigos del mundo, nos lleva de manera irreversible a una amarga conclusión: las Naciones Unidas han agotado su modelo, y no se trata simplemente de proceder a una reforma, el siglo XXI reclama cambios profundos que sólo son posibles con una refundación de esta organización. (HUGO CHÁVEZ, 15/09/2005).

De acordo com o Presidente, a ONU tem esgotado seu modelo, sendo necessária uma reforma. Na visão de Chávez esse organismo não está sendo democrático e não contempla a necessidades dos amigos da Venezuela, ou daqueles que estão inseridos no grupo dos *insiders*.

Sobre sua adesão como membro pleno o presidente argumenta, “Um novo Mercosul se levanta”, esse é um parágrafo de um dos primeiros discursos de Hugo Chávez após a aprovação do processo para entrada do país como membro pleno do bloco. Este discurso foi proferido numa conferência na Universidade de Córdoba, Argentina. Três pontos interessantes a esse estudo podem ser destacados: primeiro, a percepção do presidente de pertencimento como membro pleno do Mercosul, no entanto, através do anel energético; segundo, a pré-disposição de tentar ampliar (alargamento) o bloco com a adesão de outros países; e terceiro, reproduzir a idéia de transcendência, já que o Mercosul atingiu um último estágio específico, na concepção do Presidente venezuelano. A seguir está transcritos as três passagens que detalham esses três pontos:

No aspiramos la hegemonía de nada ni de nadie, el mundo que necesitamos es el mundo pluripolar no el mundo unipolar ni bipolar, es multipolar. ¡Norteamérica!, siempre será una fuerza ¿quién lo puede negar?, sólo que llegará el día en que no sea el imperio que hoy es. La Europa unida otro polo de fuerza, el Asia, la Eurasia, el África y nosotros los latinoamericanos, los caribeños, este gran territorio que viene desde México, desde Cuba hasta aquí hasta la Patagonia; millones y millones de

personas, pueblos creativos, diversos, grandes riquezas sociales, la reserva de petróleo más grande de l mundo ahora con la entrada de Venezuela al Mercosur; deben ustedes saber que tiene el Mercosur la reserva de petróleo más grande del mundo y que la prioridad es para los pueblos del Mercosur, para los pueblos del Caribe. No para alimentar la insaciable voracidad del imperio... Más pronto que tarde Bolivia debe estar en el Mercosur, más pronto que tarde aspiro a que Cuba esté también en la unidad del Mercosur [...] El ALCA era la condena, el Mercosur es el camino a esa patria grande que debemos construir y que por supuesto debe trascender al Mercosur, yo decía esta mañana, tenemos que ir ya pensando, trabajando, escribiendo, planificando la conformación de lo que Simón Bolívar llamaba la Unión o la Liga de Naciones, la Liga de Repúblicas. Llegará el día y no será muy lejano, en que desde allá desde el Caribe hasta aquí, hasta el Río de la Plata tengamos un sólido cuerpo político, una Liga de Repúblicas. (HUGO CHÁVEZ, 21/07/2006).

Ademais, esse discurso é um dos poucos que Chávez fala explicitamente sobre a suficiência energética, característica da diplomacia do petróleo e sua política integracionista. Destaca-se mais uma vez a delimitação de pertencimento (de amigo) a um grupo, no caso o MERCOSUL.

Em 2009, num contexto de crise com a Colômbia, Chávez escreve uma carta aos presidentes da UNASUL. Mais uma vez ele remete a criação da UNASUL a precedentes históricos, resgatando Bolívar especificamente e seu objetivo integracionista, de união entre os povos da América do Sul.

Nuestra Unión era para Bolívar, un pródigo fin, al que se llegaría únicamente a través de efectos sensibles y esfuerzos bien dirigidos. Y hoy, —a 200 años de aquella enorme gesta histórica—, el nacimiento de Unión Suramericana de Naciones (UNASUR), es la fiel muestra de que el proceso de liberación de nuestras naciones continúa imponiéndose con más vigor que nunca. (HUGO CHÁVEZ, 27/08/2009)

No mesmo ano, num discurso escrito em seu Blog – mais especificamente na sessão “Líneas de Chávez” – o Presidente mostra sua intenção pela entrada no MERCOSUL, afirma em jogar forte para integração ao bloco, por sua vez, mais adiante, pela União, e identifica instrumentos possíveis que facilitarão chegar a esse fim:

Una vez más voy a reiterarlo: Venezuela quiere ser miembro pleno de Mercosur. Pero en nuestra actual condición de miembro asociado, seguiremos jugando fuerte por la integración y, aún más, por la unión. “Unidos o dominados”, como decía mi general Perón; y decir Perón es decir Bolívar, San Martín y tantos otros y tantas otras. Como reza el viejo dicho popular, la unión hace la fuerza: la unión plena El Banco del Sur, Petrosur, Telesur son instrumentos para fortalecer a un nuevo Mercosur: a un Mercosur que responda al cambio de época. (HUGO CHÁVEZ, 13/12/2009)

Conforme analisado, em quase todos os discursos estudados percebemos a importância do MERCOSUL para a Política Externa venezuelana, seja a partir de uma integração política, seja através da integração econômica - embora poucos discursos se remetem à necessidade eminente de integração econômica e relações comerciais. Nos discursos de Hugo Chávez é constante o uso histórico, principalmente, da perspectiva bolivariana, para a integração dos povos da América do Sul. Os elementos da política externa, como integracionismo e complementariedade, são observados explicitamente nos discursos de presidente.

Os teóricos clássicos, os acadêmicos e Hugo Chávez tentam explicar o papel do MERCOSUL, suas vantagens e desvantagens na América do Sul e a influência do bloco na região.

Todavia, se compararmos os discursos dos acadêmicos e políticos com os de Hugo Chávez, especificamente, nota-se que a explicação dada pela maioria dos acadêmicos sobre o interesse da entrada da Venezuela no MERCOSUL é eminentemente econômico – a Diplomacia do Petróleo - e o constante atributo ideológico-político dado por Chávez, para explicar seu interesse em aderir ao MERCOSUL – digamos a Diplomacia Solidária.

Já os discursos sobre ALBA e UNASUL se inserem num patamar eminentemente político. A ALBA, em particular, a partir de sua proposta em 2001, recebeu um espaço considerável nos discursos de Chávez. A Alternativa Bolivariana para as Américas é um modelo de integração baseado num cunho político-ideológico e fundamentado nas idéias de Simón Bolívar. A UNASUL tem um viés mais amplo de integração, tanto na área político-ideológico, como na área comercial, e é um modelo fundamentado nas idéias de integração regional, especificamente, no cone sul.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dois pontos importantes são essenciais destacar na pesquisa: primeiramente os processos de integração regionais do século XXI estão mais cimentados em idéias e justificativas políticas; e segundo, são encontrados três tipos de discursos, não que excludentes, mas construídos em caminhos diferentes: o discurso usado pelos teóricos e acadêmicos para explicar integração, como o da Cepal, o discurso dos políticos para explicar quais os interesses da Venezuela e Hugo Chávez no Mercosul, Alba e Unasul; e o discurso de Hugo Chávez para inferir o que pensa sobre integração regional e quais são seus interesses.

Hoje, na América do Sul, idéias como integração política passam a ter mais sentido em relação à solidez que o bloco terá. O MERCOSUL, a UNASUL e a ALBA entram nesse segmento. Isto é, o aspecto político seria mais importante do que o comercial. Nas palavras de Hugo Chávez (2002): “se nós seguimos discutindo variáveis econômicas, união aduaneira, zona de livre, etc., sem colocar a diante a mais alta vontade política e sem estabelecer um acordo de integração política creio que não avançaremos como necessitamos...”

Em relação ao segundo ponto, quando estudamos os processos de integração, a Teoria de Integração Regional Econômica explica, por exemplo, uma melhor alocação dos fatores de produção e dos recursos disponíveis; uma diminuição dos custos de produção e uma melhoria na qualidade dos bens produzidos; ganhos em economia de escala; uma melhor capacidade de inserção internacional. A conjunção de vontades dos países que fazem parte de um processo de integração, por meio de variadas formas, significa que eles conseguirão, nesse processo, relacionar-se de maneira diferenciada e vantajosa com outros países em comparação com a inserção solitária.

Voltando às questões feitas acima, houve modificação no conteúdo do discurso, na formação discursiva, no corpo discursivo? Primeiro, nos discursos analisados durante o período proposto, os conteúdos foram constantes. As poucas variações ocorridas foram pela interferência de alguns fatores. Para todos os efeitos, hegemonia, imperialismo, integracionismo e complementariedade, união dos povos da América do Sul, consolidação das economias nacionais foram marcantes.

Segundo, sobre o corpo discursivo, analisamos os textos relacionados à Integração Regional e assuntos relacionados aos processos de integração na América do Sul.

Observamos, que eles apresentaram certa uniformidade, embora analisados em vários ambientes e ocasiões.

Terceiro, sobre a formação discursiva, temos que dar ênfase ao contexto e âmbito que os discursos foram proferidos. Em relação ao contexto, a América do Sul, a partir da década de 1990, começaram a encontrar na integração uma fonte de otimização de capital, seja econômico ou político. Os discursos de Chávez que foram analisados foram proferidos nesse contexto. Já em relação ao âmbito, esses discursos foram proferido num ambiente diplomático, que exige uma formação de discurso diplomático.

Verificou-se um posicionamento de Hugo Chávez em governar para o povo, descolado do âmbito doméstico para o âmbito subcontinental, numa tentativa do presidente venezuelano de integrar os países sul-americanos num ambiente cooperativo e popular. Mas as políticas integracionistas se posicionam de forma vital para à perspectiva chavista de manter sua revolução “bolivariano” viva, com o apoio dos países vizinhos que possuem preocupações sociais e econômicas semelhantes. Porém essa posição, que se mostra cada vez característica do governo venezuelano, só se torna possível devido à conjuntura internacional favorável, como a ascensão ao poder de outros líderes de esquerda. E, principalmente, à alta dos preços do petróleo no mercado internacional. Mas a busca por integração também permite à Venezuela almejar uma projeção na política externa, conforme a Teoria Clássica da Integração explica; conforme os países se integram melhoram sua inserção na região. Além de obter novos parceiros comerciais que possam auxiliar o país a transformar sua pasta de exportação com base no petróleo para uma produção mais diversificada, reduzindo a dependência comercial dos Estados Unidos.

Enfim, a entrada da Venezuela ao MERCOSUL, a criação da ALBA e a consolidação da UNASUL trarão algumas mudanças nas perspectivas de integração na América do Sul, em parte estrutural, pela formação comercial e pelo padrão do comércio da Venezuela com os países da região, que é bem diferente quando comparado aos padrões das relações desses com o mundo. E em parte ideológico-político pelos discursos radicais e revolucionários do presidente Chávez. Portanto, é preciso preservar a idéia central de um mercado integrado, baseado na autodeterminação das nações, redução das assimetrias e complementaridade entre as economias. Cujas resolução satisfatória dos problemas requer transparência, vontade política e muito sentido estratégico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMÉRICA DO SUL: segundo semestre de 2006. Brasília: Fundação. Alexandre Gusmão, 2007.

ALTAMANN, J, ALBA: **Un Proyecto Alternativo para América Latina?** Real Instituto Elcano. ARI N°17, 2008.

BRANDÃO, Helena H. N. **Introdução a análise do discurso.** Campinas: Editora da UNICAMP, 2004.

CAETANO, Gerardo. 2007: **O MERCOSUL no Encontro de Caminhos.** In: FUNAG. II Curso para Diplomatas Sul-Americanos. Rio de Janeiro, 2007.

CASTRO, Maria Silvia Portela. **Integración, libre comercio y la acción sindical em América Latina y Caribe.** Organización Regional Interamericana de Trabajadores, 2006.

CERVO, Amado Luiz. **Relações Internacionais da América Latina: velhos e novos paradigmas.** São Paulo: Saraiva, 2007.

COSTA, Darc. **Uma visão geral sobre Venezuela.** In: **Conferência Nacional de Política Externa e Política Internacional – II CNPEPI.** Rio de Janeiro, 2007.

COUTINHO, Marcelo. **Venezuela no MERCOSUL:** Adaptação. Observatório Político Sul-Americano. Rio de Janeiro, 2006.

DOUGHERTY, James E.; PFALTZGRAFF Jr., Robert L. **Relações Internacionais – As Teorias em confronto. Um estudo detalhado.** Lisboa: Gradiva, 2003.

DUPAS, Gilberto; OLIVEIRA, Marcelo Fernandes de. **A União Sul-americana de Nações: oportunidades e econômicas e entraves políticos.** In: Ayerbe, Luis Fernando. **Novas lideranças políticas e alternativas de governo na América do Sul,** Editora Unesp, 2009.

FOUCAULT, M. **A Ordem do Discurso.** São Paulo: Loyola, 1996.

FOUCAULT, M. **A Arqueologia do Saber.** Rio de Janeiro: Forense, 1997

FUNAG. **América do Sul:** segundo semestre de 2006. Brasília, 2007.

FUCCILLE, Luís Alexandre. **Brasil e Venezuela no tabuleiro geopolítico: cooperação e competição no subcontinente**, 2007.

HANSEN, L. **Security as practice: discourse analysis and Bosnian war**. New York: Routledge, 2006.

HERZ, Mônica; HOFFMAN, Andrea R. **Organizações Internacionais: histórias e práticas**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

JAGUARIBE, Hélio. **Argentina, Brasil e Venezuela. : FUNAG. II Curso para Diplomatas Sul-Americanos**. Rio de Janeiro, 2007.

LOPES, Rodrigo. **A política Externa de Chávez e Lula na América do Sul: Integração Regional ou Consolidação de Liderança?** São Paulo, 2007.

LOPES, Rodrigo. **As relações de poder de Brasil e Venezuela na América Latina, analisadas a partir do processo de mediação simbólica das manifestações dos presidentes Luiz Inácio Lula da Silva e Hugo Chávez Frias nos jornais Folha de S. Paulo e Últimas Notícias**. Tese de Mestrado, São Paulo, 2011.

LOPES, Rodrigo; HITNER, Verena. **Venezuela: O papel dos processos de integração para a manutenção do governo Chávez**. São Paulo, 2009.

KFURI, Regina; FLORES, Fidel Pérez. **Socialismo, multipolaridade e integração regional na política externa do governo de Hugo Chávez**. Rio de Janeiro, ISA/ABRI, 2009.

MACIEL, Natalia Regina. **Reforma Política e Política Externa na Venezuela: uma ameaça à segurança continental sob a ótica norte-americana**. Rio de Janeiro: Revista Intellector, vol. III, n. 6, 2007.

MAGNOLI, Demétrio. **MERCOSUL + 1: o Chavismo contra o MERCOSUL**. São Paulo, 2010.

MANCEBO, Jorge Pérez. **Desafios da Venezuela no século XXI**. In: DEP: Diplomacia, Estratégia e Política. N.10. Brasília: Projeto Raúl Prebisch, 2009.

MARIANO, Marcelo Passini. **A Política Externa Brasileira, o Itamaraty e o MERCOSUL**. (Tese de Doutorado). Araraquara: Universidade Estadual de São Paulo, 2007.

MARTINS, Rodrigo Torsiano. **A política externa da Venezuela: do ‘Plan Nacional de Desarrollo 2001-2007’ ao ‘Socialismo del Siglo XXI**. São Paulo: I Simpósio em Relações Internacionais do Programa de Pós-Graduação San Tiago Dantas, 2007.

MENDES, Cristiano G. **A construção do conceito de terrorismo. Análise dos discursos do ex-primeiro ministro britânico Tony Blair**. Tese de Doutorado. Brasília, UNB, 2008.

OLIVEIRA, Marcelo Fernandes. **MERCOSUL: atores políticos e grupos de interesses brasileiros**. São Paulo: Universidade Estadual de São Paulo, 2003.

OLIVEIRA, Renata Peixoto. **As bases da Política Externa Venezuelana: continuidades e rupturas da era Chávez**. Rio de Janeiro: ABRI-ISA, 2009.

PARO, Denise. **Terrorismo na tríplice fronteira: O discurso da incerteza**. XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação: Santos, 2007.

PECEQUILO, Cristina Soreanu; CARMO, Corival Alves. **Thinking About The Left: Brazil and Venezuela Paths for the 21st Century**.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Elementos para uma análise de discurso político**. Barbarói, n. 24, 2006/1.

PIRELA, Miguel Ángel Pérez. **Política Exterior de Venezuela em el Siglo XXI – Um Nuevo Panorama de Integración Lationoamericana**. In: FUNAG. V Curso para Diplomatas Sul-Americanos. Rio de Janeiro, 2008.

ROCHA, Décio; DEUSDARÁ, Bruno. **Análise de Conteúdo e Análise do Discurso: aproximações e afastamentos na (re)construção de uma trajetória**. ALEA, v. 7, n. 2, 2005.

SCHIMITT, C. **O Conceito do Política**. Petrópolis: Vozes, 1992.

SEITENFUS, Ricardo A. Silva. **Manual das Organizações Internacionais**. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2008.

SEITENFUS, Ricardo A. Silva. **Relações Internacionais**. São Paulo: Manole, 2005.

UNIDAS, Nações. **UNASUR: un espacio de cooperación por construir**, Santiago, 2009.

VACCHINO, Juan Mario. **Momentos claves en la historia de ALALC-ALADI**. Integração Latinoamericana, agosto de 1987.

VILLA, Rafael Duarte. **Política externa na administração Hugo Chávez. Política Externa**, vol. 13, n. 1, p. 99-119, jun/jul/ago 2004.

Sítios:

ALBA: <http://www.alba-tcp.org/>

BLOG DO CHÁVEZ: <http://www.chavez.org.ve/>

CAN: <http://www.comunidadandina.org/>

DEPTO: COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO DA VENEZUELA:
<http://www.minci.gob.ve/>

GOVERNO DA VENEZUELA: <http://www.gobiernoenlinea.ve>

MERCOSUL: <http://www.mercosur.org.uy>

MERCOSUL: <http://www.mercosul.gov.br/>

MRE BRASIL: [http:// www.itamaraty.gov.br](http://www.itamaraty.gov.br)

OEA: <http://www.oas.org>

PARLAMENTO DO MERCOSUL: <http://www.parlamentodelmercosur.org/>

RÁDIO NACIONAL DE VENEZUELA: <http://www.rnv.gov.ve/noticias/>

UNASUL: <http://www.pptunasur.com>

UNASUL: <http://www.comunidadesudamericana.com>